



revista  
**mangues  
& letras**

## O mundo coberto de penas

16 de agosto 2017

Número 08

ISSN  
2236 9570

## **Expediente**

Organização e seleção de texto: Tânia Lima  
Programador: Jonathan Silva Gomes

Revisão: Andréa Cristina Soares Costa; William Brenno dos Santos Oliveira

Arte final da capa do volume 2

Tânia Lima

Imagem da capa:

[blogs.revistaencontro.com.br/petcetera/page/6/](http://blogs.revistaencontro.com.br/petcetera/page/6/)

Contato - email: [manguesletras@gmail.com](mailto:manguesletras@gmail.com)

## **Conselho Editorial**

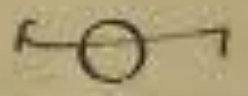
Élio Ferreira (PI); Fátima Costa (PE); Carlos Negreiro ((RN); Sherry Almeida (PE); Valéria Regina Dallegrove (RS); Alexandra Isfahani-Hammond (EUA); Roland Walter (PE); Tânia Lima (RN); Alexandra Felipe (CE); Rosanne Bezerra RN); Lúcia Lucena ( PB); Lisane Mariadne ( RN); Cleide Bezerra ( PB); Humberto Hermenegildo ( RN); Derivaldo dos Santos ( RN); Soraya Lima (CE).

## **Editorial**

Tudo começou quando um complexa vira-lata disse sim a uma cadelinha. Ali nasceu a peraltice dos cachorros que fazem dos latidos uma travessia de vida . São os cães quem costuram esta fábula em forma de poesia visual. Nesta edição especial, a proposta é mergulhar no mundo dos bichos, no território sagrado das pessoas não humanas. O título deste volume "*O mundo Coberto de Penas*" foi tomado de empréstimo do escritor Graciliano Ramos que universaliza a atenta humanidade da cachorra Baleia em uma personagem animista de *Vidas Secas*. O mundo coberto de penas sou eu; é você; somos todos nós. Vivemos na atualidade um mundo coberto de penas - osso duro de roer. Au au au!!!.

Tânia Lima

GRACILIANO RAMOS



~~MUNDO COBERTO~~  
~~DE PENNAS~~

*Vidas Secas*  
ROMANCE

Handwritten notes in the right margin, including a vertical line and several small symbols.

Copa de Santa Rita

**CACHORRA BALEIA**



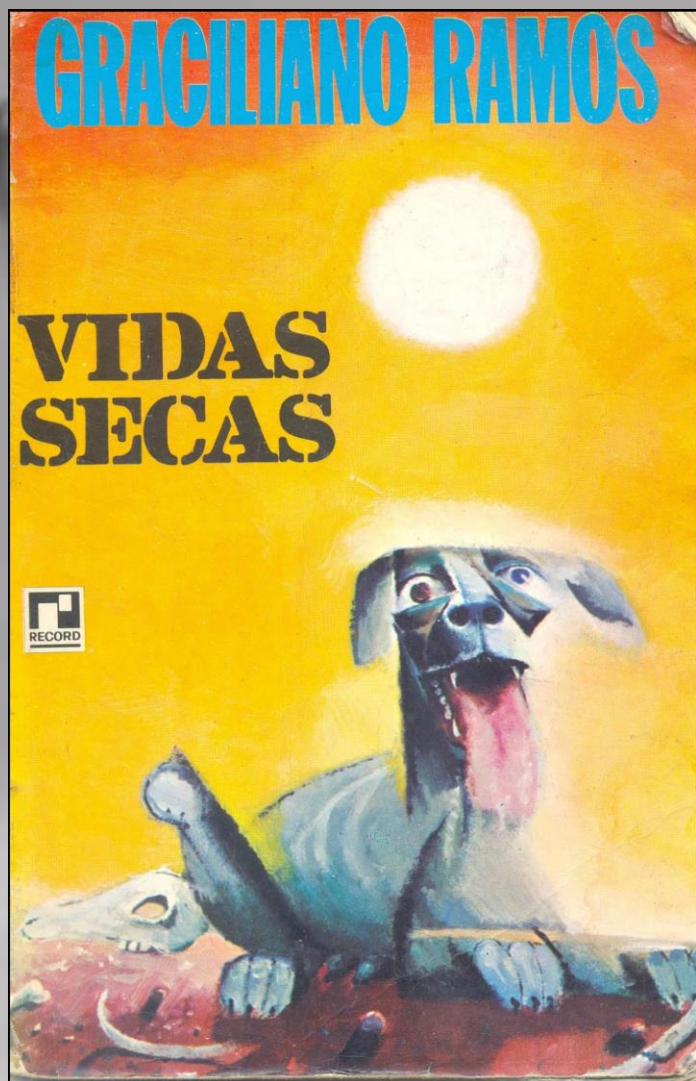
Baleia in Nelson Pereira dos Santos' *Vidas Secas* (1963)



A morte da cachorra Baleia  
por Alex Rocha

A morte de Baleia  
por Guzma





*Ilustração da capa, de Aldemir Martins*

“A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caía-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde

manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. Mas Baleia, sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do curral ou metia-se no mato, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa nas base, cheia de moscas, semelhante a uma cauda de cascavel.

Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito.

Sinhá Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta:

– Vão bulir com a Baleia?

Tinham visto o chumbeiro e o polvarinho, os modos de Fabiano afligiam-nos, davam-lhes a suspeita de que Baleia corria perigo.

Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, rebolavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiquiro das cabras.

Quiseram mexer na taramela e abrir a porta, mas sinhá vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes os ouvidos: prendeu a cabeça do mais velho entre as coxas e espalmou as mãos nas orelhas do segundo. Como os pequenos resistissem, aperreou-se e tratou de subjugar-los, resmungando com energia.

Ela também tinha o coração pesado, mas resignava-se: naturalmente a decisão de Fabiano era necessária e justa. Pobre da Baleia.

Escutou, ouviu o rumor do chumbo que se derramava no cano da arma, as pancadas surdas da vareta na bucha. Suspirou. Coitadinha da Baleia.

Os meninos começaram a gritar e a espernear. E como sinhá Vitória tinha relaxado os músculos, deixou escapar o mais taludo e soltou uma praga:

– Capeta excomungado.

Na luta que travou para segurar de novo o filho rebelde, zangou-se de verdade. Safadinho. Atirou um cocorote ao crânio enrolado na coberta vermelha e na saia de ramagens.

Pouco a pouco a cólera diminuiu, e sinhá Vitória, embalando as crianças, enjoou-se da cadela achacada, gargarejou muxoxos e nomes feios. Bicho nojento, babão. Inconveniência deixar cachorro doido solto em casa. Mas compreendia que estava sendo severa demais,

achava difícil Baleia endoidecer e lamentava que o marido não houvesse esperado mais um dia para ver se realmente a execução era indispensável.

Nesse momento Fabiano andava no copiar, batendo castanholas com os dedos. Sinhá Vitória encolheu o pescoço e tentou encostar os ombros às orelhas. Como isto era impossível, levantou um pedaço da cabeça.

Fabiano percorreu o alpendre, olhando as barúna e as porteiras, açulando um cão invisível contra animais invisíveis:

-Ecô! ecô!

Em seguida entrou na sala, atravessou o corredor e chegou à janela baixa da cozinha. Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a e esfregar as peladuras no pé de turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos de Baleia, que se pôs latir desesperadamente.

Ouvindo o tiro e os latidos, sinhá Vitória pegou-se à Virgem Maria e os meninos rolaram na caca chorando alto. Fabiano recolheu-se.



E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às painéis de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se aí por um instante, meio desorientada, saiu depois sem destino, aos pulos.

Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar e esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda.

Encaminhou-se aos juazeiros. Sob a raiz de um deles havia uma barroca macia e funda. Gostava de espojar-se ali: cobria-se de poeira, evitava as moscas e os mosquitos, e quando se levantava, tinha as folhas e gravetos colados às feridas, era um bicho diferente dos outros. Caiu antes de alcançar essa cova arredada. Tentou erguer-se, endireitou a cabeça e estirou as pernas dianteira, mas o resto do corpo ficou deitado de banda. Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, ralando as patas, cravando as unhas no chão, agarrando-se nos seixos miúdos. Afinal esmoreceu e aquietou-se junto às pedras onde os meninos jogavam cobras mortas. Uma sede horrível queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Pôs-se a latir e desejou morder Fabiano. Realmente não latina: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tomavam-se quase imperceptíveis.

Como o sol a encandeasse, conseguiu adiantar-se umas polegadas e escondeu-se numa nesga de sombra que ladeava a pedra.

Olhou-se de novo, aflita. Que lhe estaria acontecendo? O nevoeiro engrossava e aproximava-se.

Sentiu o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. Parecia que o morro se tinha distanciado muito. Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.

Começou a arquejar penosamente, fingindo ladrar. Passou a língua pelos beijos torrados e não experimentou nenhum prazer. O olfato cada vez mais se embotava: certamente os preás tinha fugido.

Esqueceu-os e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objeto esquisito na mão. Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis. Fez um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.

O objeto desconhecido continuava a ameaçá-la. Conteve a respiração, cobriu os dentes, espiou o inimigo por baixo das pestanas caídas. Ficou assim algum tempo, depois sossegou. Fabiano e a coisa perigosa tinham-se sumido.

Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, com certeza o sol desaparecera. Os chocalhos das cabras tilintaram para os lados do rio, o fartum do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança.

Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a importância em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades.

Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinhá Vitória guardava o cachimbo.

Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha. Silêncio completo, nenhum sinal de vida nos arredores. O galo velho não cantava no poleiro, nem Fabiano roncava na cama de varas. Estes sons não interessavam Baleia, mas quando o galo batia as asas e Fabiano se virava, emanações familiares revelavam-lhe a presença deles. Agora parecia que a fazenda se tinha despovoado.

Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difícil no barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.

Provavelmente estava na cozinha, entre as pedras que serviam de trempe. Antes de se deitar, sinhá Vitória retirava dali os carvões e a cinza, varria com um molho de vassourinha o chão queimado, e aquilo ficava um bom lugar para cachorro descansar. O calor afugentava as pulgas, a terra se amaciava. E, findos os cochilos, numerosos preás corriam e saltavam, um formigueiro de preás invadia a cozinha.

A tremura subia, deixava a barriga e chegava ao peito de Baleia. Do outro peito para trás era tudo insensibilidade e esquecimento. Mas o resto do corpo se arrepiava, espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença.

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente sinhá Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.”



**TUDO QUE  
PRECISAMOS  
É  
AMOR  
E UM  
CACHORRO**



"Você vai descobrir a **RAÇA** que ele tem, quando souber o que já sofreu.

**ADOTE** um animal abandonado!

## LUXO NO LIXO



Acordavam quando o sol caía. Mas só se lançavam às ruas depois que a cidade terminava de guardar seu desespero diário. Por dois motivos, preferiam esperar a calma da porta entreaberta da noite para se pronunciarem e pelo fato de não estarem dispostos ao risco do inferno de rodas que subiam e desciam indiferentes. Os dois, então, saíam. Deveriam chegar aos destinos antes do caminhão do lixo e da invasão de estranhos bípedes. Com a diminuição dos veículos nas ruas, ficava mais fácil cruzá-las sem correr o risco de virar tapete no asfalto. Mas ainda tinham de aventurar-se entre o ocaso e o fechar definitivo da noite. Dessa precisão cronológica, dependia o sustento do esqueleto de quartos balouçantes e indolentes. Era, ao mesmo tempo, um horário tenso e desejado. Primeiro, porque ainda corriam perigo e, segundo, porque era também nesse horário que o cheiro de carne tostada na brasa nos churrasquinhos morre em pé e o tempero das salsichas e carne moída dos sebosões começavam a inundar a cidade a caminho do sono. Olhando sempre de baixo para cima, podiam enxergar as mãos encardidas dos comerciantes e bebedores empunharem espadas adiposas, desejadas como banquete. Tinham a garantia de que nos becos, nos fundos dos restaurantes,

envoltos em sacos plásticos, havia as sobras que aliviarão seus estômagos vazios. Mais uma noite de guerra declarada à fome. Não disputavam as migalhas, preferiam dividir os territórios de exploração, mesmo quando estavam de posse do mesmo naco de osso putrefato ou em vias de putrefazer-se. Pautavam suas vidas numa ética canina só encontrada na relação de amizade com um homem, luxo a que eles estavam acostumados apenas em sonho, pois, para esses homens eles sempre foram incômodo.

*Artemilson Lima*





# Una oveja negra al poder

Confesiones e intimidades de Pepe Mujica

ANDRÉS DANZA y ERNESTO TULBOVITZ





Pepe Mujica e seus perros.

(...)

Subnutrido de beleza, meu cachorro-poema vai  
farejando poesia em tudo, pois nunca se sabe  
quanto tesouro andarรก desperdiçando por aÍ  
Quanto filhotinho de estrela atirado no lixo

*Mário Quintana*



Reprodução da internet - Foto divulgação



Era uma vez duas puguinhas  
que passaram a vida inteira economizando  
e compraram um cachorro só para elas

Mário Quintana



Reprodução da internet - Foto divulgação



Um gênero de cães ao desbarato  
poetas cafres adoçam as nongas  
ancestrais dos versos na obsessiva  
carne terra dos açaimos  
e não choram...  
Batem!

José Craveirinha

## O MANUAL DAS MÃOS

Deverei ter adormecido, deduzo, enquanto revisito, pelas janelas, o movimento da rua lá em baixo. Há gente que lembro sobre elas, velhas fotografias amarelecidas que vivem ordenadas na memória, e o sol, outra vez, riscando o soalho e acendendo o chão sobre o qual estou de pé e estático, ouvindo gargalhadas e choros de crianças que em algum lugar em mim as conheci. São os meus filhos brincando na nudez infantil da sua beleza, as harpas que as suas mãos vão soltando para que as toque ou cante a relva que de dentro da casa é verde e eu diviso.

Meu Deus, como é boa esta visão profunda e sentida, as cores com que a construo e respiro, o assobiar levitante dos pássaros rasando-me os pés como se me quisessem erguido acima do equilíbrio e da sóbria gravidade.

O cão que nunca tive, tenho-o agora e vem correndo ao meu encontro com a alegria canina balanceando-lhe a cauda. Nem nome tem para mim e ele próprio o desconhece. Também para que serve um nome se a gente ama e respeita, para que serve essa identificação se a amizade, aqui, tem a precisão olfactiva da lealdade?

Ergo-o para o colo, para uma ternura profunda a ladrar-me o coração e o cão agita-se em sua bondade,

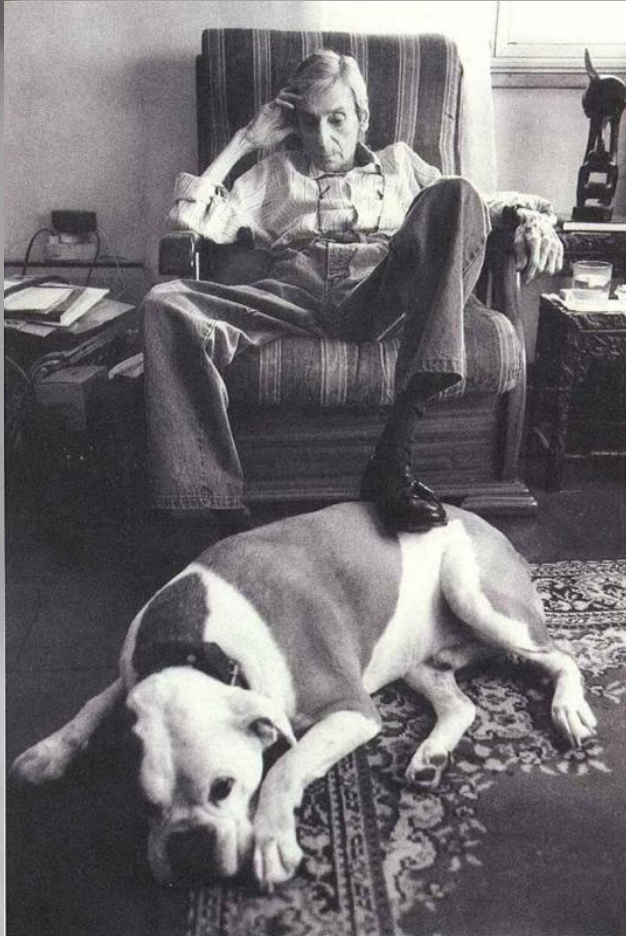
quase fala, quase grita, quase beija a compreensão que ele entende ver em minhas mãos afagando-o. Ponho-o sobre o chão e vejo-o partir como uma gazela soltando o perfume da mestria e da graciosidade.

Parte rumo às crianças ou, então, para a ideia que tenho delas. Por isso acendo-me nas luzes que ardo dentro, na clareza juvenil do sangue a trabalhar nas veias todas, no coração que o filtra, o purifica, o devolve à vida da respiração. E a música vem surpreender-me, sentado na mesa, alvo e puro como uma canção e entrando, definitivamente, pela casa dentro.

Eduardo White, **O Manual das Mãos**. Campo das Letras, 2004.



ALICE WALKER



Rui Knopfli

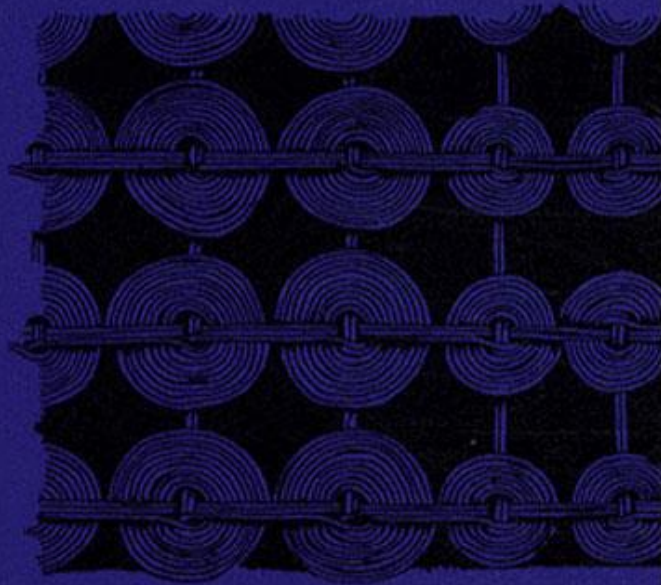
poeta moçambicano



Susan Sontag

Luis Bernardo Honwana

# NÓS MATÁMOS O CÃO-TINHOSO



BI.057 África Minha

# TEATRO BANDO



# NÓS MATÁMOS O CÃO TINHOSO!

A PARTIR DO CONTO DE **LUÍS BERNARDO HONWANA**, DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO **NUNO PINO CUSTÓDIO**  
ESPAÇO CÉNICO, FIGURINOS E ADEPTOS **MARTA CARREIRAS** COORDENAÇÃO MUSICAL **RUI JÚNIOR** ORAÇÃO **TERESA LIMA** DESIGN DE LUZ **JOÃO CACHULHO**  
ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO **HUGO GAMA** INTERPRETAÇÃO **NICOLAS BRITES, NUNO NUNES, RAUL ATALAJA, ROSINDA COSTA** E **SARA DE CASTRO**

**20 MAIO A 20 JUNHO** M/6 **QUINTA A DOMINGO 22H**

20 DE JUNHO ÀS 20H NA ESCOLA BÁSICA 1 - M/6, PALMEIRA (A 20 DE JUNHO NO TEATRO BANDO, VÁLE DOSSABE, PALMEIRA) ESPECTÁCULO AO AR LIVRE | ACONSELHAMOS O USO DE BÓLIPAS QUENTES

INFORMAÇÕES E RESERVAS: 21 233 68 50 | GERAL@OBANDO.PT | WWW.OBANDO.PT

criação **TEATRO BANDO** co-produção **Palmela** Câmara Municipal LISBOA co-financiamento **POUR** QUARTO DE APELONIA ESTRATÉGICA NACIONAL **OR** UNIÃO EUROPEIA Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

O TEATRO BANDO É UMA ESTRUTURA FINANCIADA POR **MC** Ministério da Cultura **deARTES** Direcção-Geral das Artes **Palmela** Câmara Municipal **PLATFORM** **EUROPEAN UNION** **CTT** **Semmais** **Impacto** **CTT** **Semmais** **Impacto**

## VAI-TE CÃO DAS NOITES

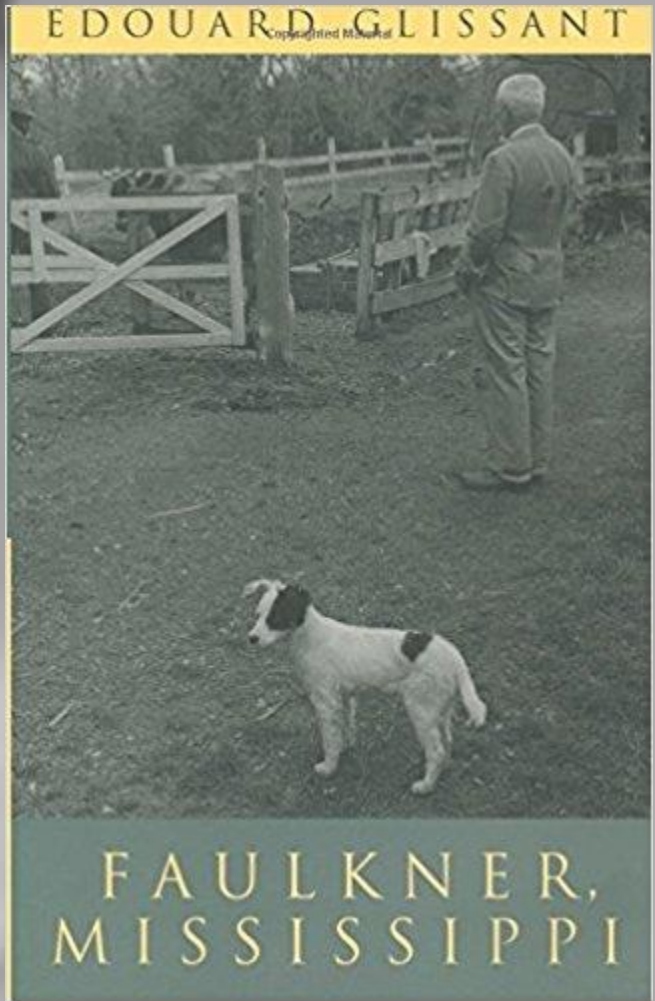
o mar retirou-se intacto do sangue dos  
grandes polvos que jazem nas areias  
na paisagem desfeita e sempre a refazer  
procuro  
lembranças da maré uma flor de água um  
rumor de furor  
mas há demasiadas pistas confusas  
caravanas  
demasiados sóis empalando nas árvores o  
seu rancor  
demasiados postulados mentirosos que se  
afundam  
nas linhas de crista eternas divergentes  
das formigas gigantes que vão polindo os  
OSSOS  
deste silêncio fogo da boca desta areia

apenas surgirão os dentes cariados da mata  
ressequida

raiva de um solstício insólito ardente fulvo  
nas margens da barbárie de um mar tão  
vacilante  
vai-te cão das noites vai-te  
inesperado e magno em minhas tēmporas  
sangrando seguras entre os dentes  
a carne que me é fácil de mais reconhecer.

**Aimé Césaire, *Antologia Poética*  
Dom Quixote, 1970.**





Edouard Glissant

Les Anses d'Arlet - Martinique

*Dimanche, le 8 février  
2014*

## **A toi petit chien battu**

Tu ne marches pas le long des rues libre  
ou mené en laisse par ta maîtresse en reniflant les odeurs de ton odorat  
70 fois plus puissant que celui des humains  
le long des rues du bourg des Anses d' Arlet.

Tu es un chien attaché

Tu ne joues pas avec les vagues  
tes poils gris mouillés par l'écume blanche de la mer

Tu es un chien attaché

Tu ne reçois pas les câlins d'une main douce et protectrice  
qui aime te sentir roulé en boule à ses pieds quand le soir descend sur la  
ville

Tu es un chien attaché

Tu es un chien sonnette

qui garde l'entrée de la maison sans sonnette

Et si tu aboies sans raison ta maîtresse te frappe avec un bâton

et tes petits cris de petit caniche qui pleure elle ne les entend pas

Tu es un chien battu

Tu ne comprends pas pourquoi elle te bat

toi qui peut comprendre tant de phrases des regards et des gestes

toi qui peut aimer si inconditionnellement ta maîtresse tu ne comprends  
pas sa cruauté

Et pourtant, toi et moi on s'est regardé dans les yeux

et tu m'as exprimé que tu m'avais comprise en balançant ta queue

et tu as eu le tort d'aboyer et je l'ai vue

te donner des coups de bâton et raccourcir un peu plus la grosse corde  
bleue

que tu portes à ton cou tel un bateau amarré

Tu es un chien attaché

Depuis je te porte en moi dans mes yeux

et comme toi je ne comprends pas la cruauté à laquelle tu es soumis

et j'aurais tant voulu te voir sourire

petit chien gai heureux et aimé

Et de ce bourg il me restera le son de tes cris sous les coups de bâton de ta maîtresse

et mon impuissance à te porter secours

- « La loi existe Madame, mais elle ferme les yeux parce que c' est dans les mœurs d'attacher son chien ce sont des chiens sonnette, Madame »
- Et de les battre aussi c' est dans les mœurs ?
- « Oh vous savez ici même les femmes sont battus... »

Il est grand temps que la violence sur les plus démunis cesse d'être tolérée et de faire partie des mœurs de ce pays.

Enilce Albergaria Rocha



FOTO: USBORNE

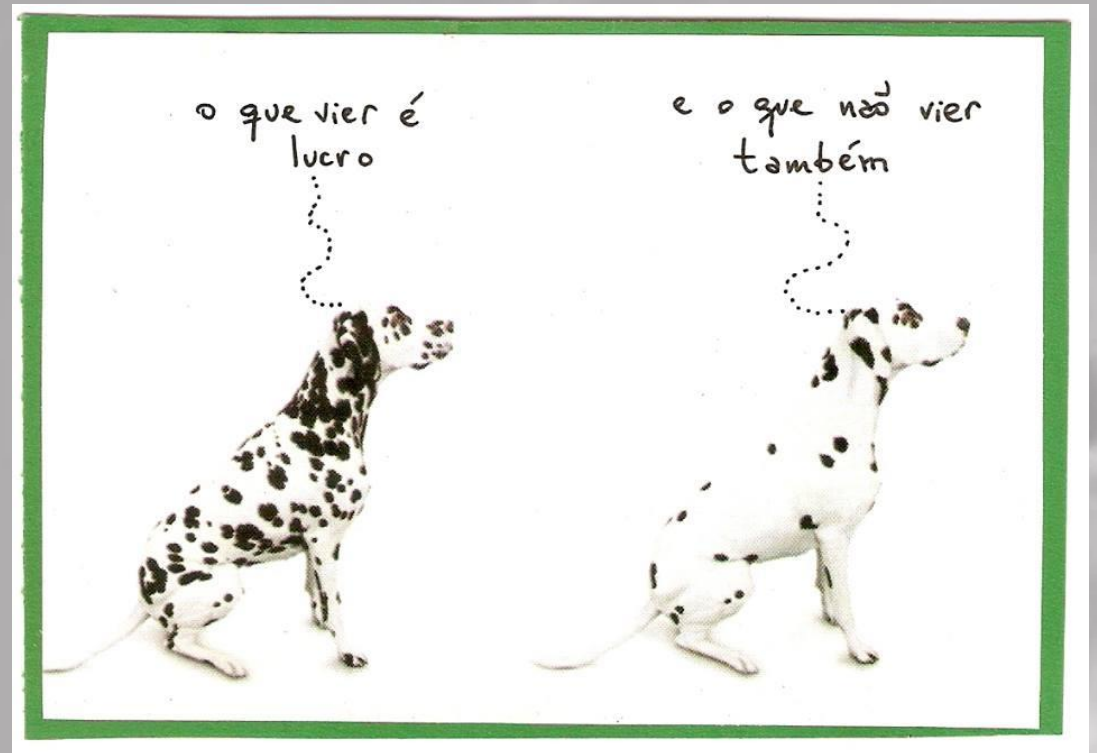
Em um Retrato

De sob o cômodo quadrangular  
Da terra fresca que me há de inumar,  
E depois de já muito ter chovido,  
Quando a erva alastrar com o olvido,  
Ainda, amigo, o mesmo meu olhar  
Há de ir humilde, atravessando o mar,  
Envolver-te de preito enternecido,  
Como o de um pobre **cão** agradecido.

*Camilo Pessanha, in 'Clepsidra*



*Fernanda Meireles*



## **SOLIDÃO**

Um homem passeia com seu cachorro.

Ele olha para o cachorro  
e tem convicção de que não está sozinho.

O cachorro sente a coleira apertar-lhe,  
procura pelo seu dono...

E sente a sensação de estar sozinho.

Vital Nogueira



“Ser gênio leva muito tempo, você tem que ficar sentada por muito tempo, sem fazer nada, absolutamente nada”

[GERTRUD STEIN 1886 - 1947 ]



Man Ray Gertrude Stein and her dog, Basket 1926.



**ALICE TOKLAS & GERTRUDE STEIN**







**ALICE TOKLAS & GERTRUDE STEIN**



**F**oi na França, durante a Segunda Grande guerra: um jovem tinha um cachorro que todos os dias, pontualmente, ia esperá-lo voltar do trabalho. Postava-se na esquina, um pouco antes das seis da tarde. Assim que via o dono, ia correndo ao seu encontro e na maior alegria acompanhava-o com seu passinho saltitante de volta à casa. A vila inteira já conhecia o cachorro e as pessoas que passavam faziam-lhe festinhas e ele correspondia, chegava até a correr todo animado atrás dos mais íntimos. Para logo voltar atento ao seu posto e ali ficar sentado até o momento em que seu dono apontava lá longe.

Mas eu avisei que o tempo era de guerra, o jovem foi convocado. Pensa que o cachorro deixou de esperá-lo? Continuou a ir diariamente até a esquina, fixo o olhar naquele único ponto, a orelha em pé, atenta ao menor ruído que pudesse indicar a presença do dono bem-amado. Assim que anoitecia, ele voltava para casa e levava sua vida normal de cachorro, até chegar o dia seguinte. Então, disciplinadamente, como se tivesse um relógio preso à pata, voltava ao posto de espera. O jovem morreu num bombardeio mas no pequeno coração do cachorro não morreu a esperança. Quiseram prendê-lo, distraí-lo. Tudo em vão. Quando ia chegando aquela hora ele disparava para o compromisso assumido, todos os dias.

Todos os dias, com o passar dos anos (a memória dos homens!) as pessoas foram se esquecendo do jovem soldado que não voltou. Casou-se a noiva com um primo. os familiares voltaram-se para outros familiares. Os amigos para outros amigos. Só o cachorro já velhíssimo (era jovem quando o jovem partiu) continuou a esperá-lo na sua esquina.

As pessoas estranhavam, mas quem esse cachorro está esperando?...Uma tarde (era inverno) ele lá ficou, o focinho voltado para *aquela* direção.

Lygia Fagundes Telles, A Disciplina do amor.



## À ESPREITA

O instinto de sobrevivência  
devora, traga o óbvio.  
Pulsões do corpo intempestivo.

Os infrassons nunca ouvidos  
proliferam uivos e rosnados.  
O outro mais *outro*.

O farejar do mundo  
abre seu próprio mapa forjado.  
Invenções de cartografia.

As extremidades, descobertas  
tateiam as rugosidades do mundo.  
Pelos apanham o entrevistado.


O vigiar, o observar,  
rompe o imediatismo.  
Ser à espreita.

Impossível adestrar o nu.  
“o pensamento do animal cabe à poesia”  
O doméstico sou eu.

Silvia Barbalho Brito



Fotografia de Fátima Lima



Cachorro morto num saco de lixo  
areia, sargaço, cacos de vidro  
mar dos afogados, mar também  
dos vivos  
escuta teu murmúrio no que eu digo.

Nunca houve outro sal, e nunca um dia  
matou o seu poente, nem a pedra  
feita de outra pedra, partiu o mar ao meio.  
Assim é a matéria, tem seu frio

e nunca vi um animal mais feio  
nem pude ouvir o seu latido.  
Por isso durmo e não pergunto  
junto aos juncos.

NUNO  
RAMOS



Foto: Sávio Leite

Poema do dicionário do rio  
no qual a palavra peixe  
só falta saltar em patas  
ao mugir do peixe-boi pastando  
enquanto o peixe-cachorro ladra.

MANOEL DE BARROS

Por que é que o cão é tão livre? Porque ele é o mistério vivo que não se indaga.

Clarice Lispector



Ter contato com a vida animal é indispensável à minha saúde psíquica. Meu cão me revigora toda. Sem falar que dorme às vezes aos meus pés enchendo o quarto da cálida vida úmida. O meu cão me ensina a viver. Ele só fica “sendo”. “Ser” é a sua atividade. E ser é minha mais profunda intimidade.



## O cão que veio do abismo

O cão que veio do abismo  
Roeu-me os ossos da alma,  
E erguendo a perna — o que eu cismo —  
Mijou no meu misticismo  
Que me dava a minha calma.  
O cão veio de onde dorme  
Aquele anseio que tenho  
Por qualquer coisa de enorme  
Que indistintamente forme  
A forma de quanto estranho.  
E depois de isso completo  
O cão que veio do abismo  
Que estava inteiro e repleto  
Fez sobre tudo o dejecto  
Que é hoje o meu misticismo.

ÁLVARO DE CAMPOS



Foto: Lúcia Lucena



## Álvaro de Campos

*O meu amigo Moreira mandou uma vez construir, num quintal velho que tinha, uma casa elegante para um cão. Encarregou d'isso um mestre de obras, que, atraído pela estranheza do assunto e pela suposta loucura do criador do propósito, construiu uma espécie de chalet digno de ser pago, sem sobras, por alto preço.*

*Quando a casa para o cão estava pronta, o Moreira compareceu e aprovou. Elogiou o mestre de obras, e foi-se embora, meditando.*

*Dias depois, quando o mestre de obras apareceu com a conta, o Moreira pediu-lhe que o acompanhasse ao quintal velho. Chegados ali, disse-lhe com enternecimento, apontando para a casa do cão.*

*- Olhe, mestre, meta a conta ali dentro. Ela é que é o cão.*

Frida Kahlo





Frida Kahlo



GEORGIA O'KEEFFE

## DOG ON THE ROAD

Desde que fiquei sem dono  
não suporto mais esta sina de nômade.

Quase eu diria: antes uma coleira!

Desde que fiquei sem dono

trotando no meio de feiras

de filas

de bêbados

comendo restos

correndo sem rumo

uivando para a Lua

no quintal sem muro da rua

sempre a correr

sempre tangido

tendo por trégua apenas

miseráveis segundos

com olhos de brasa

ensopando a língua

em poças de chuva

corrompidas por venenos.

Se ao menos fosse dar numa selva!

Se ao menos reencontrasse

meus antepassados ferozes – lobos,  
coyotes!

Vida de cão!

Bem dizem eles.


LUÍZA NÓBREGA





A/Afranc/I/2

original  
by nina  
Lemmerman  
AFS.



Freitag 18-12-'36

liebe omi, ich wünsche dir  
die herrlichsten wünsche  
zum geburtsstag, wie geht es  
siefan u. bed, ich danke  
tante leni für das schöne  
schimannchen hast du  
schöne geschenke bekommen  
schreibe mir mal kusschen  
Anne

Diário de Anne Frank

Diogo ganhou essa cachorrinha. Uma controvertida escolha de nome: Ava, Pitty, Bolota, Liberty..... De repente o priminho Antônio nos seus 6 anos diz: - Margô. Vai ser Margô.

Sou legal para Diogo, o primo de 12 anos, gamer, internauta.

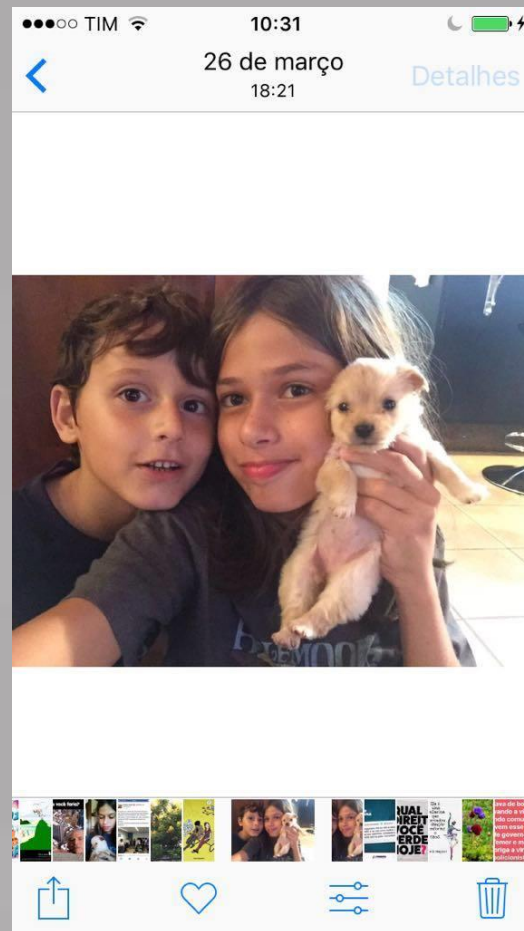
Nome com som de personagem. Sim, Antônio. Vai ser Margô.

Gostei!

Tia Fê então disse: - Antônio, se você escolheu o nome vai ser o padrinho dela.

- Não, não quero ser o padrinho. Quero ser avô dela!

Tânia Ramos



## Moradores de rua e seus cães



Série fotográfica: Edu Leporo





## O cachorro, o mendigo e o colchão

*A história de um cachorro que, separado de seu dono, chamou a atenção no interior de São Paulo*

**Por André Farinha**

Bastou o repórter da EPTV se aproximar do centro da praça, em frente à rodoviária de Iguai, interior do estado de São Paulo, que o cachorro, de raça vira-lata, passou a rosnar em sinal de alerta. O cão, apelidado por dois taxistas de 'Fiel', fica a maior parte do tempo deitado sobre um colchão velho, tendo ainda como parte de 'seus pertences' um par de botinas e um saco rasgado, com algumas peças de roupa sujas.

O cachorro, de semblante triste e olhar angustiado, pertence, originalmente, a um mendigo, que segundo os moradores da cidade foi embora, aparentemente, levado pela própria família a um centro de tratamento. A praça em que o dono e o cachorro 'moravam' fica em frente a rodoviária do município, a história tem despertado a atenção da comunidade local e já percorre as redes sociais, principalmente por se assemelhar a outra história, ocorrida no Japão e que outrora se transformou em filme, 'Sempre ao seu lado', estrelado pelo ator Richard Gere.

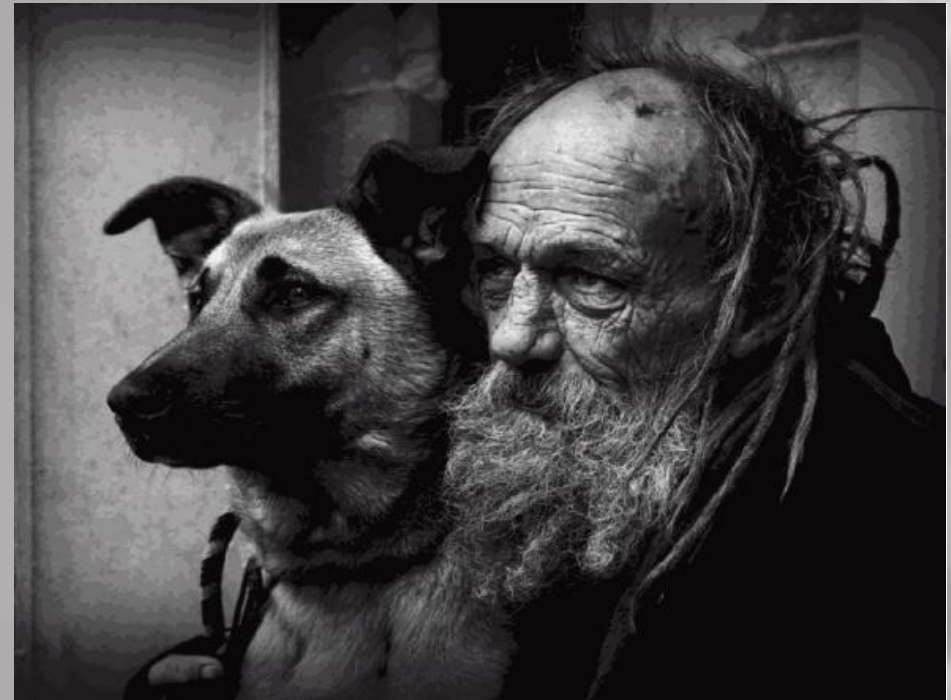
O mendigo, que nenhuma das testemunhas disse saber o nome, foi embora há pouco mais de cinco dias. A 'lenda' narra que o cidadão chegou já acompanhado do cachorro, trouxe consigo o colchão velho, as botas e o saco de roupa; a dupla encontrou no meio da praça um canto sossegado para descansar, perto de um ponto de táxi, e ficaram por ali até então.

Um dos taxistas da área, Thiago Pancieri, contou a equipe de reportagem que, quando retornou de uma corrida, não encontrou mais o mendigo na praça, o cachorro estava sozinho e deitado no colchão, junto ao saco de roupas e o par de botinas. Nos primeiros dias, sempre que seu irmão, o taxista Anésio Júnior, e ele tentavam se aproximar do local, a reação do animal era hostil. Demorou um tempo para os dois conseguirem 'conquistar' a amizade do cachorro, que foi apelidado de 'Fiel'.

O nome é facilmente justificado, basta algum desconhecido se aproximar do colchão que o cachorro começar a latir. Os taxistas são os únicos que conseguem ir até os 'pertences do cachorro', é também com os irmãos que o pobre cãozinho consegue se entreter e receber alimentação e água. A esperança dos taxistas, e talvez do próprio cão, é reencontrar o mendigo que o acompanhava, ou então, que consiga uma adoção e que se tenha assim um final feliz.



"O mendigo seguia calmamente pela rua. Um cachorro o acompanhava. Ao passar pelo ponto de ônibus, viu uma senhora com um lanche na mão. Pediu-lhe um pedaço. Ela engoliu rapidamente o sanduíche, entregando o guardanapo amassado. Ele pegou o papel, agachou-se e, com uma caneta, desenhou para ela uma linda flor, devolvendo o guardanapo. Assim desejou-lhe um "excelente" dia. Ao lado, um garoto sensibilizado, percebendo a situação, questionou: Ela lhe deu o lixo... Você devolveu com uma pequena obra de arte! Por quê? Na sua simplicidade, o mendigo disse: Cada um dá o que tem no coração! Eis aí a grande verdade... Tudo começa no coração, seja uma atitude egoísta ou altruísta".



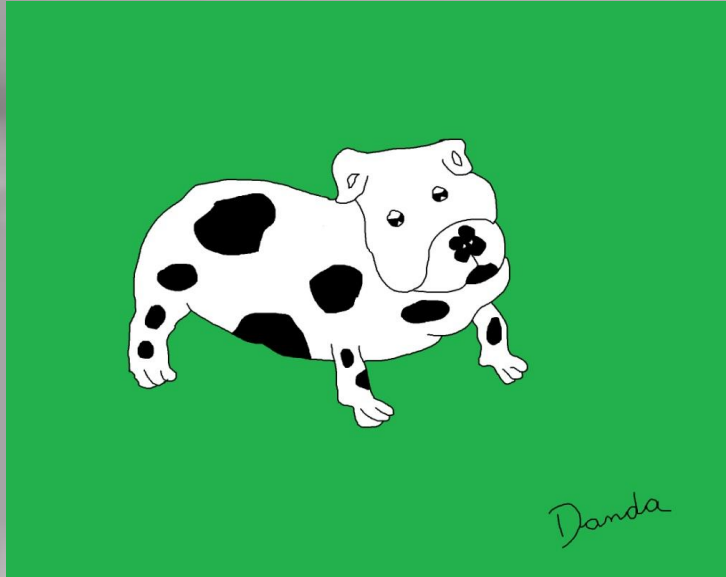
<https://www.luteranos.com.br/textos/mexe-no-meu-coracao>

Ele morde?



Não, pior!  
Ele mente,  
bate,  
violenta,  
destrói,  
polui,  
mata...





Biloca

*O cachorro que tinha  
o nariz de flor*

Biloca era um cachorro carinhoso e amigo de todo mundo.

Gostava muito de abraços e de afagos na barriga.

O que mais Biloca sabia fazer era sorrir todo contente com a presença do menininho.

Biloca era um cachorro diferente porque tinha o nariz de flor.

Com o nariz de flor Biloca sentia dificuldades para respirar e não podia correr muito.

Das peraltices de Biloca a mais engraçada era deitar-se no chão e fingir dormir para não levar bronca de dona Iracema.

Biloca não sabia que vivia em um mundo cheio de gente complicada, por isso era tão feliz na sua casa de cãozinho.

Mas, Biloca era um cachorro preguiçoso. Adorava ficar deitado.

Biloca quando estava dormindo roncava bastante. De longe ouvia-se seu ronco.

A coisa mais engraçada em Biloca era quando ele pulava atrás de voar com os pássaros.

Rosângela Trajano



Foto: LÚCIA LUCENA



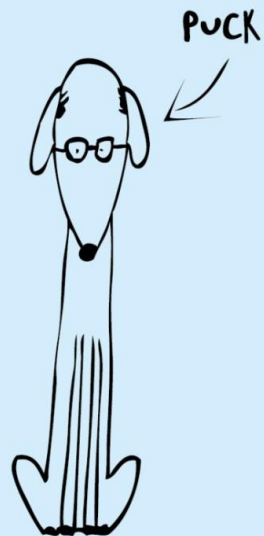


Juliette Binoche in *The Unbearable Lightness of Being* with Daniel Day-Lewis Photo



“Todo esse cuidado com o cão, um simples cão, pois somos simples, e esta é nossa maior virtude, revela que o homem não está de todo perdido, e já começa a desconfiar da existência do próximo.”

Puck e Carlos Drummond de Andrade  
FALA, amendoieira - 1957



CDA

31/10. 1902 | 17/08. 1987

cceg.tumblr.com



## CONSOLO NA PRAIA

Vamos, não chores...  
A infância está perdida.  
A mocidade está perdida.  
Mas a vida não se perdeu.  
O primeiro amor passou.  
O segundo amor passou.  
O terceiro amor passou.  
Mas o coração continua.  
Perdeste o melhor amigo.  
Não tentaste qualquer viagem.  
Não possuis casa, navio, terra.  
Mas tens um **cão**.  
Algumas palavras duras,  
em voz mansa, te golpearam.  
Nunca, nunca cicatrizam.  
Mas, e o 'humour'?  
A injustiça não se resolve.  
À sombra do mundo errado  
murmuraste um protesto tímido.  
Mas virão outros.

Tudo somado, devias  
precipitar-te, de vez, nas águas.  
Estás nu na areia, no vento...  
Dorme, meu filho.

Carlos Drummond

Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

ANTOLOGIA POÉTICA  
CARLOS DRUMMOND  
DE ANDRADE



Companhia das Letras

“O fato de o cão ser  
**fiel** ao homem não  
quer dizer que ele  
**aprove** as **ações**  
do dono.”

- Carlos Drummond de Andrade

Frases de  
PENSADORES.COM.BR

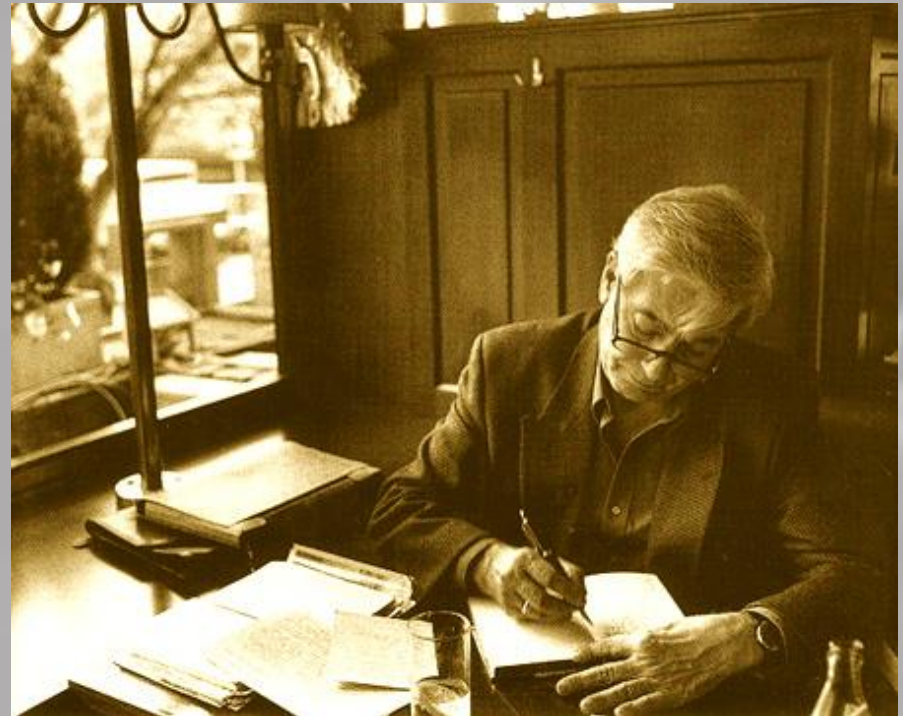


MARIO VARGAS LLOSA  
LA CIUDAD  
Y LOS PERROS



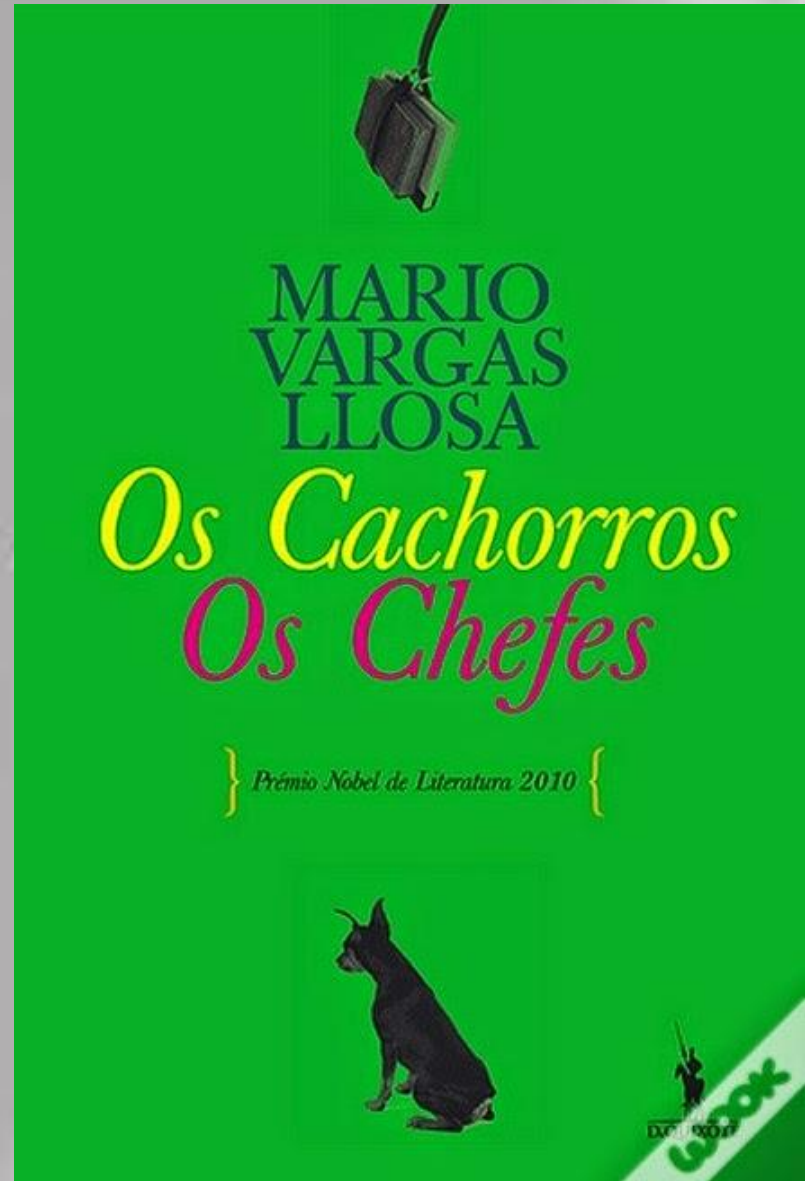
NOVELA

PREMIO BIBLIOTECA BREVE 1962



Aprender a 58as es lo más importante  
que me em 58assado em la vida.

Mario Vargas Llosa



## Un perro ha muerto

Pablo Neruda



Mi perro ha muerto.  
Lo enterré en el jardín  
junto a una vieja máquina oxidada.

Allí, no más abajo,  
ni más arriba,  
se juntará conmigo alguna vez.

Ahora él ya se fue con su pelaje,  
su mala educación, su nariz fría.

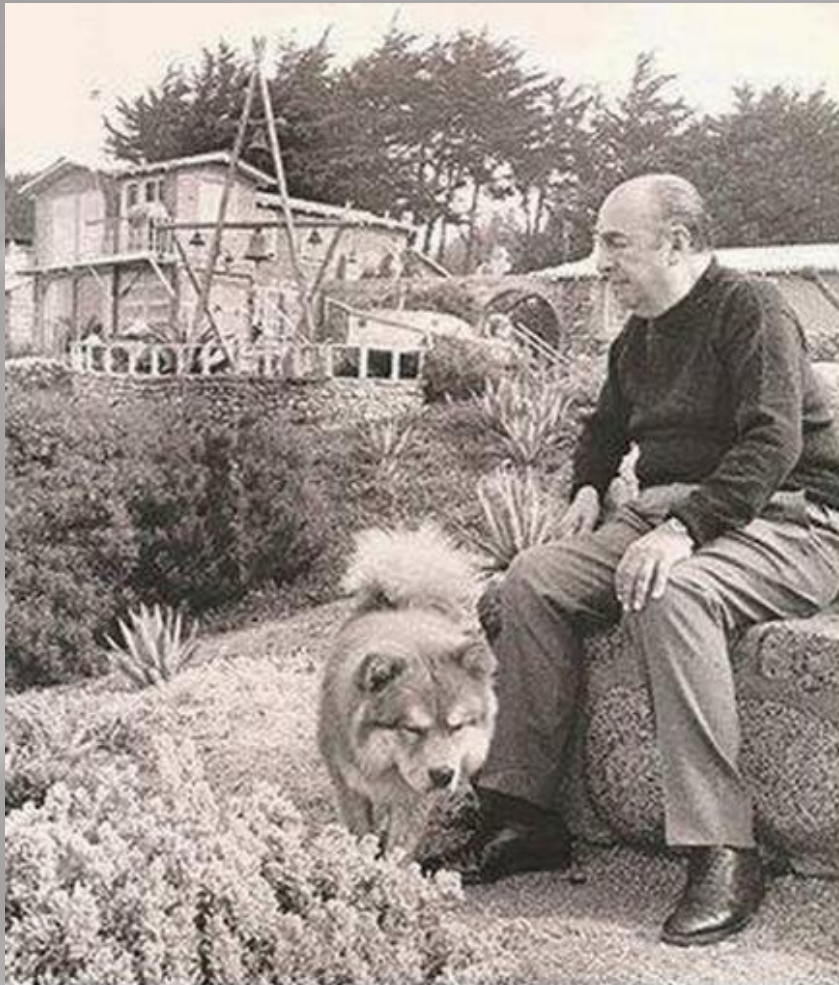
Y yo, materialista que no cree  
en el celeste cielo prometido  
para ningún humano,  
para este perro o para todo perro  
creo en el cielo, sí, creo en un cielo  
donde yo no entraré, pero él me espera  
ondulando su cola de abanico  
para que yo al llegar tenga amistades.

Ay no diré la tristeza en la tierra  
de no tenerlo más por compañero  
que para mí jamás fue un servidor.  
Tuvo hacia mí la amistad de un erizo  
que conservaba su soberanía,  
la amistad de una estrella independiente  
sin más intimidad que la precisa,  
sin exageraciones:  
no se trepaba sobre mi vestuario  
llenándome de pelos o de sarna,  
no se frotaba contra mi rodilla  
como otros perros obsesos sexuales.

No, mi perro me miraba dándome la atención necesaria  
la atención necesaria  
para hacer comprender a un vanidoso  
que siendo perro él,  
con esos ojos, más puros que los míos,  
perdía el tiempo, pero me miraba  
con la mirada que me reservó  
toda su dulce, su peluda vida,  
su silenciosa vida,  
cerca de mí, sin molestarme nunca,  
y sin pedirme nada.

Ay cuántas veces quise tener cola  
andando junto a él por las orillas del mar,  
en el Invierno de Isla Negra,  
en la gran soledad: arriba el aire  
traspasando de pájaros glaciales  
y mi perro brincando, hirsuto,  
lleno de voltaje marino en movimiento:  
mi perro vagabundo y olfatorio  
enarbolando su cola dorada  
frente a frente al Océano y su espuma.  
alegre, alegre, alegre  
como los perros saben ser felices,  
sin nada más,  
con el absolutismo de la naturaleza descarada.  
No hay adiós a mi perro que se ha muerto.

Y no hay ni hubo mentira entre nosotros.  
Ya se fue y lo enterré, y eso era todo.



Neruda en su amada casa de Isla Negra - CHILE (década de los 60)



## A Raça de Luna

**Humberto Hermenegildo**

Cachorros da infância ida  
Vadiavam pelo quintal  
Formavam constelações.  
Estampas, ladrilhos finos  
Idílios de um cão maior  
Ladridos de um cão menor.

Bali de língua afiada  
Calu dos campos de caça  
Montanha a sofrer na Ilha  
Órion da liça, esmerado.

Respeitavam Tule – comando de raça  
Temiam por Mila – donzela sem casta  
Zelda era insociável – arisca noviça.  
Chiva costumava pular balaustradas  
Mani se escondia tão abandonada  
Niquê vinha em pulos a replicar Tule.

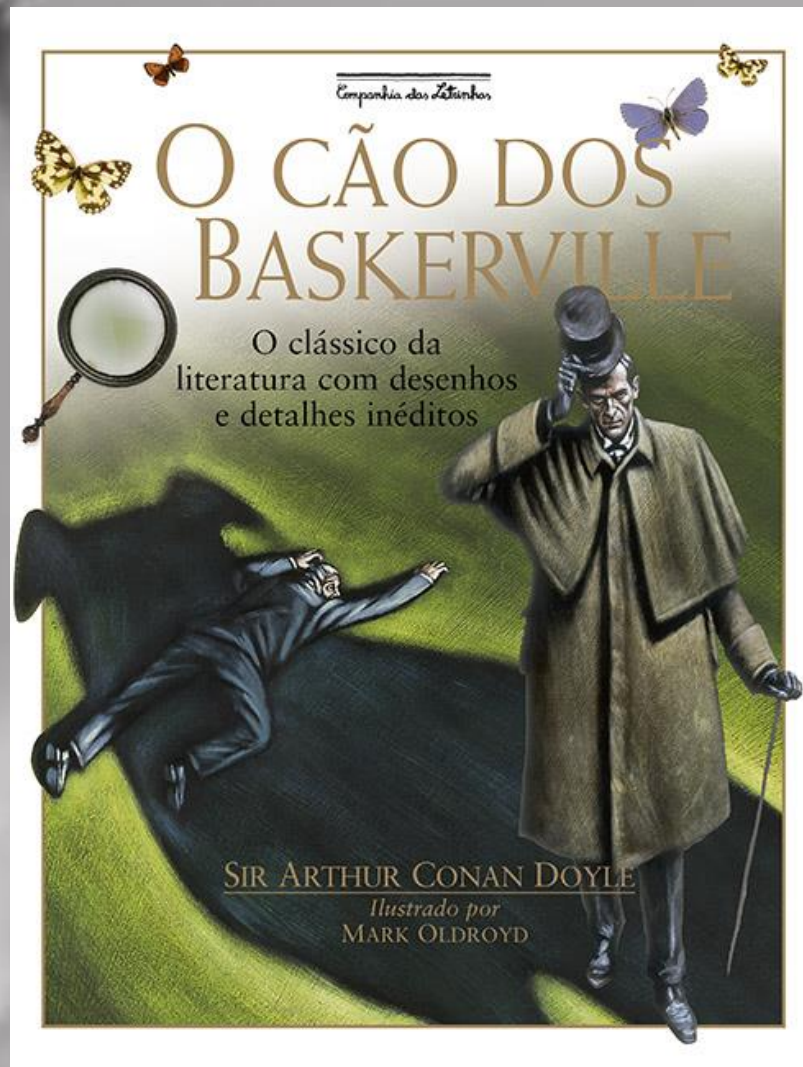
Estampas perdidas  
Latido esquecido  
Choro recolhido  
Brinquedo quebrado  
Folia encerrada  
Nódoa em chão sem água.

Criação nutrida no quintal benquisto  
Fábula fortuita de um país havido.

Sono descansado  
Ocorrências vagas: banho não tomado...  
Quimera guardada  
Ocorrências vagas: um dedo quebrado...  
Sob a luz da lua  
Vagas ocorrências: um cachorro sujo...  
Alta, airoso, tênue  
Vagas ocorrências: um cão a mancar...  
Serena, a passar.



*Lord Byron & seu amor pelos animais*



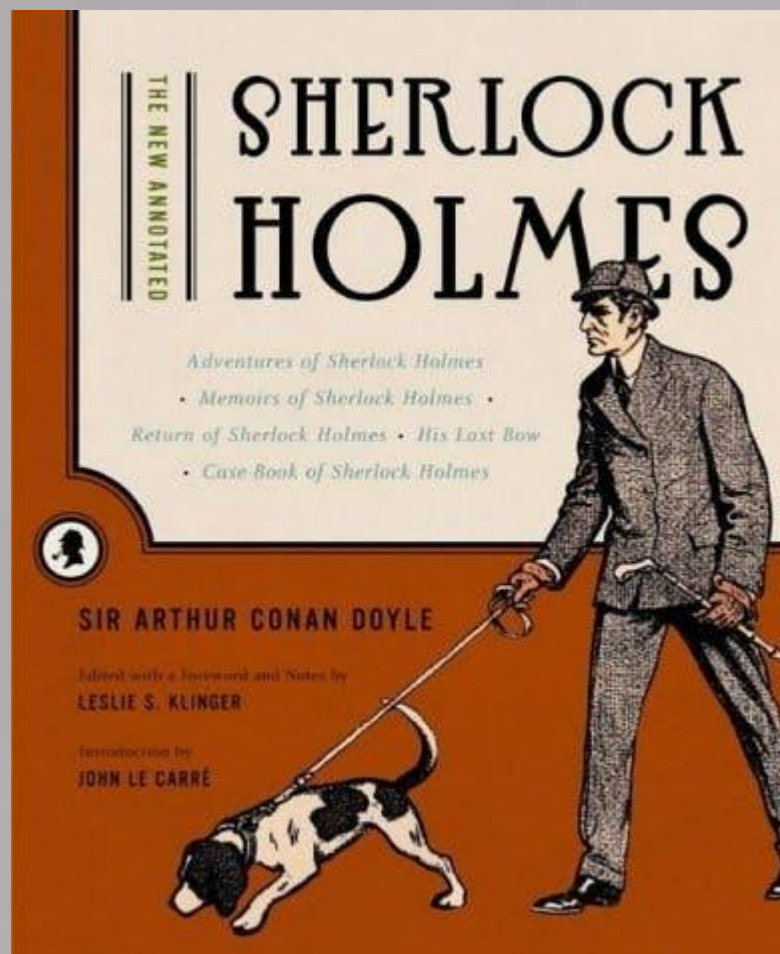
Is there any point to which you would wish to draw my attention?? 'To the curious incident of the dog in the night-time.' 'The dog did nothing in the night-time.' 'That was the curious incident,' remarked Sherlock Holmes.

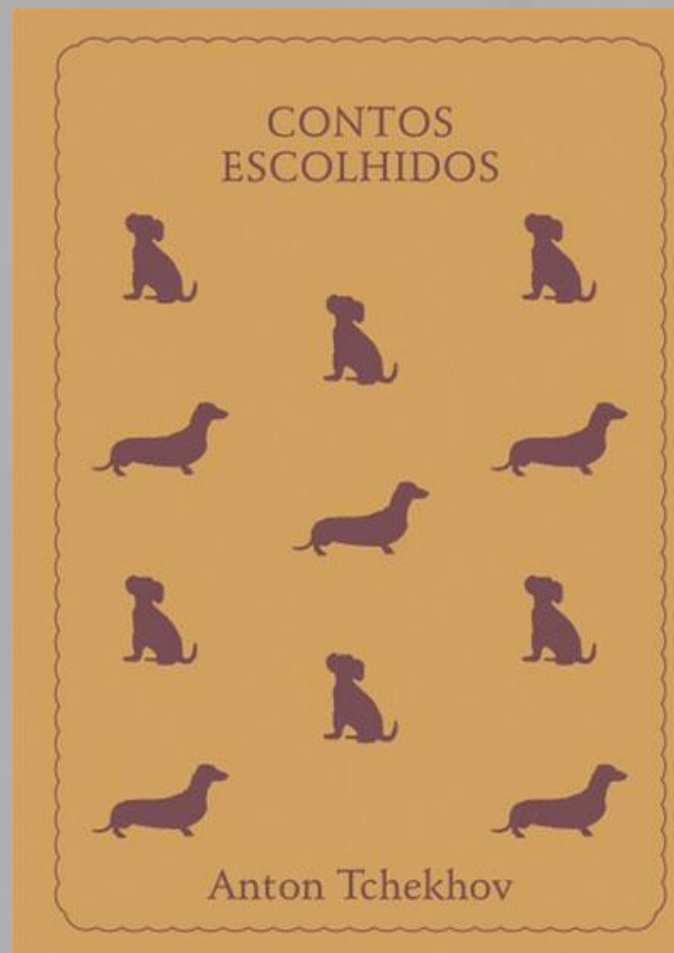
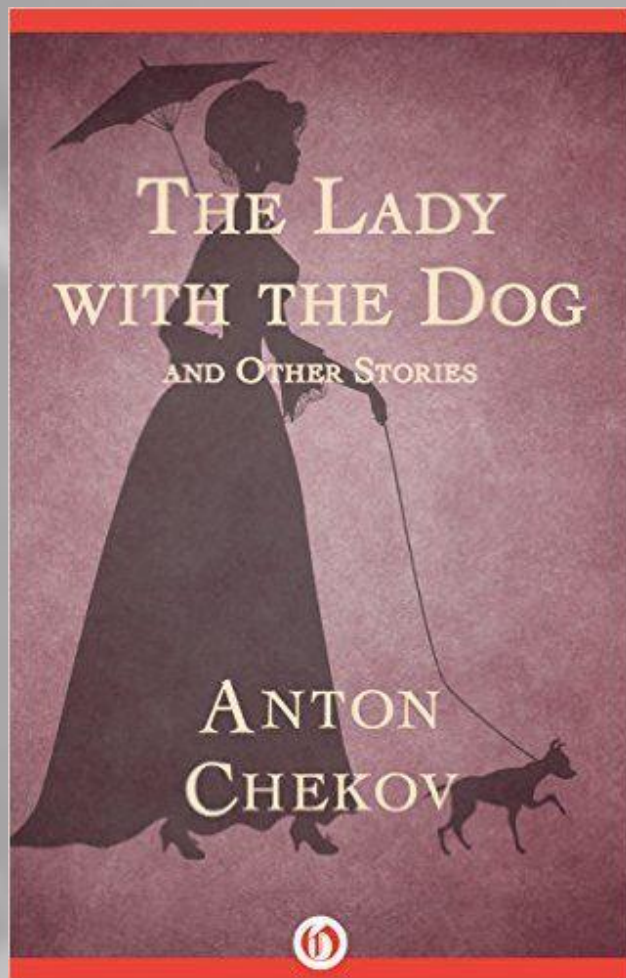
Arthur Conan Doyle





CONAN DOYLE







A. P. TCHEKHOV  
**A DAMA DO  
CACHORRINHO**  
E OUTROS CONTOS

TRADUÇÃO DE BORIS SCHNAIDERMAN

editora  34



Maiakovski & seu *bull-dog*

## Como me transformei em cão

Vladimir Maiakovski

É ainda assim completamente insuportável!  
Estou rabugento como tudo.  
A minha rabugice não é conforme poderia ser a vossa:  
apanharia qual um cão o rosto de testa lisa  
da lua  
e cobrindo-a de latidos.

Deve ser dos nervos...  
Vou sair,  
dar uma volta.  
Mas na rua ninguém consegue acalmar-me.  
Uma mulher grita-me qualquer coisa a propósito de uma boa  
tarde.  
Há que responder:  
eu conheço-a.  
Quero fazê-lo,  
mas sinto  
que é impossível à maneira dos homens.

Que escândalo!  
Estarei a dormir?  
Apalpo-me:  
sou tal como era,

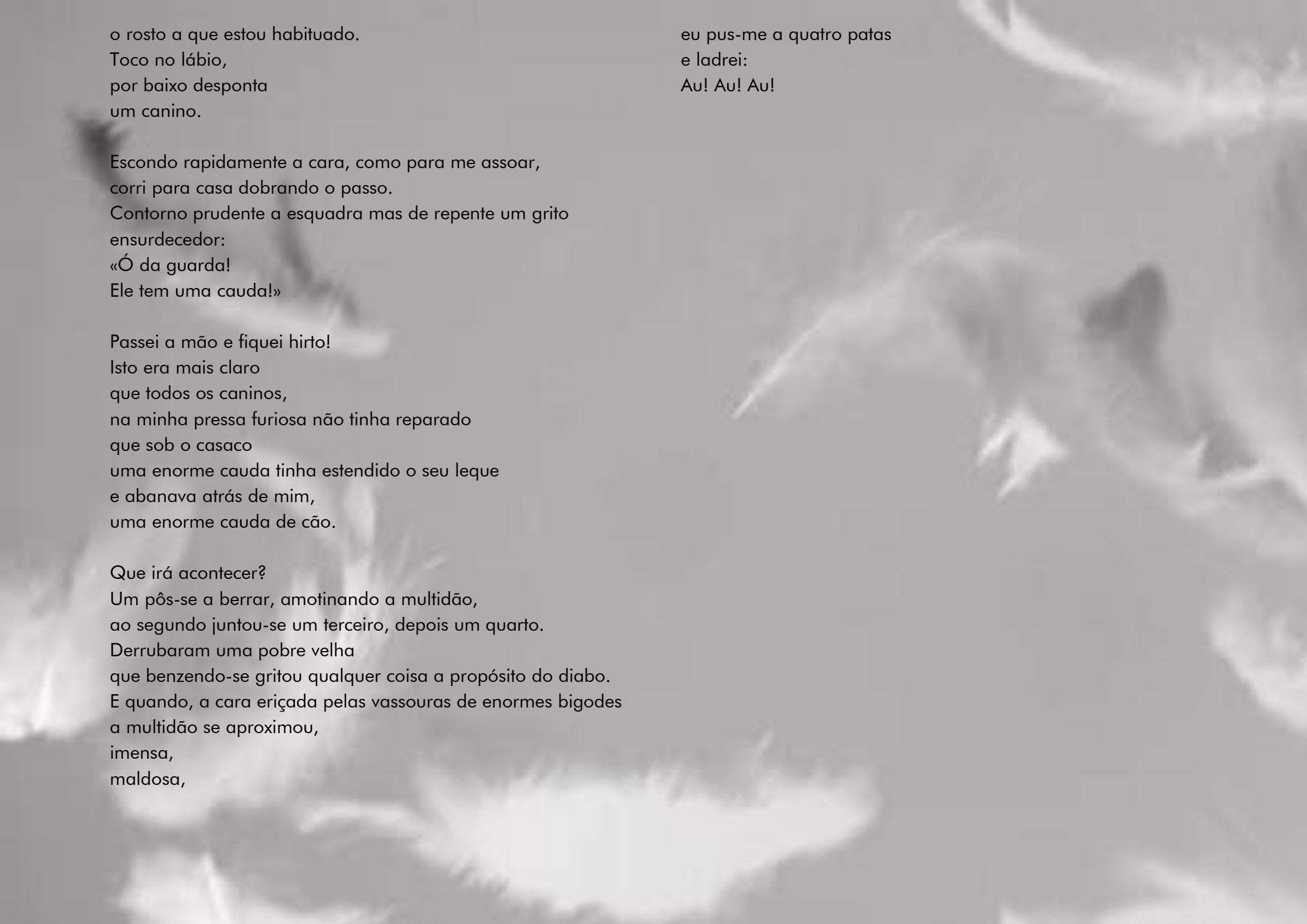
o rosto a que estou habituado.  
Toco no lábio,  
por baixo desponta  
um canino.

Escondo rapidamente a cara, como para me assoar,  
corri para casa dobrando o passo.  
Contorno prudente a esquadra mas de repente um grito  
ensurdecedor:  
«Ó da guarda!  
Ele tem uma cauda!»

Passei a mão e fiquei hirto!  
Isto era mais claro  
que todos os caninos,  
na minha pressa furiosa não tinha reparado  
que sob o casaco  
uma enorme cauda tinha estendido o seu leque  
e abanava atrás de mim,  
uma enorme cauda de cão.

Que irá acontecer?  
Um pôs-se a berrar, amotinando a multidão,  
ao segundo juntou-se um terceiro, depois um quarto.  
Derrubaram uma pobre velha  
que benzendo-se gritou qualquer coisa a propósito do diabo.  
E quando, a cara eriçada pelas vassouras de enormes bigodes  
a multidão se aproximou,  
imensa,  
maldosa,

eu pus-me a quatro patas  
e ladrei:  
Au! Au! Au!



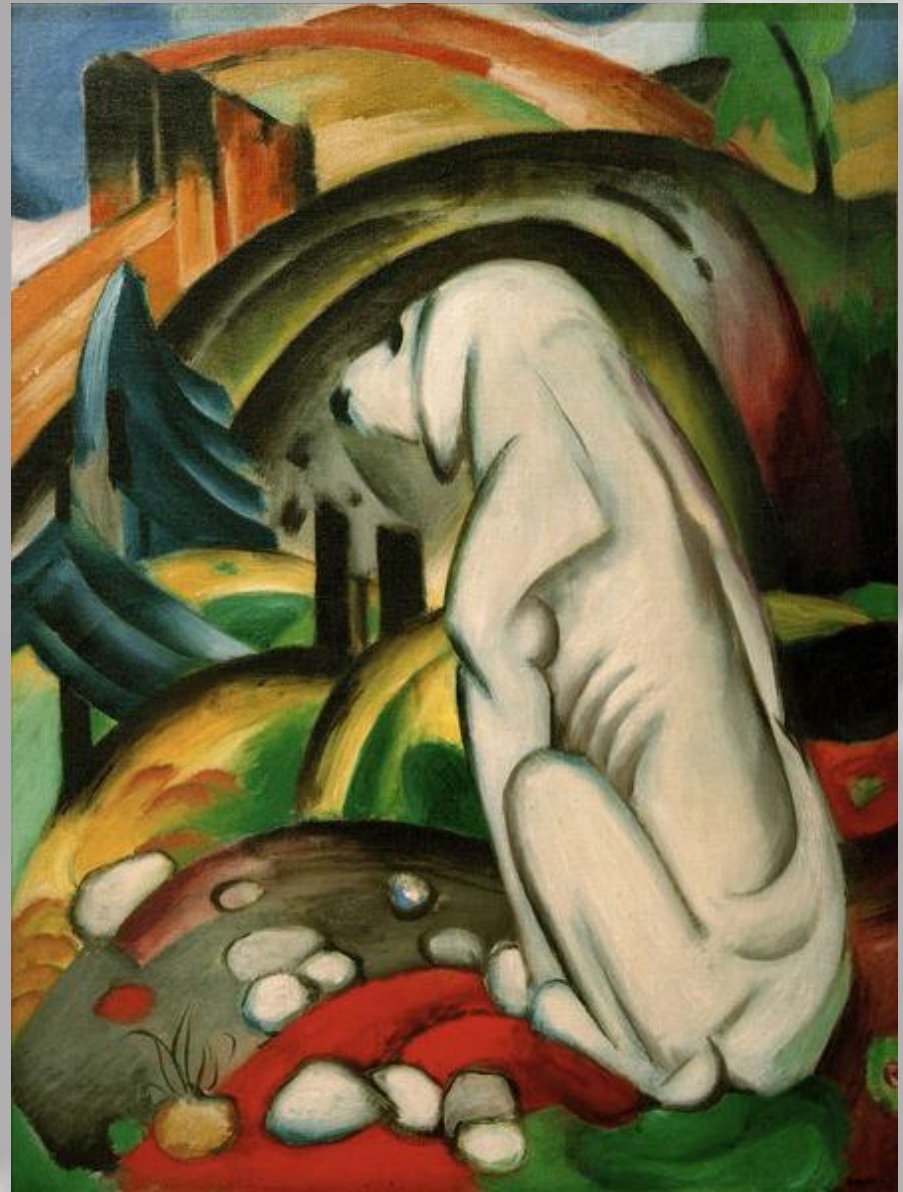


Franz Marc (1888 - 1916)



Franz Marc

Pintor expressionista alemão

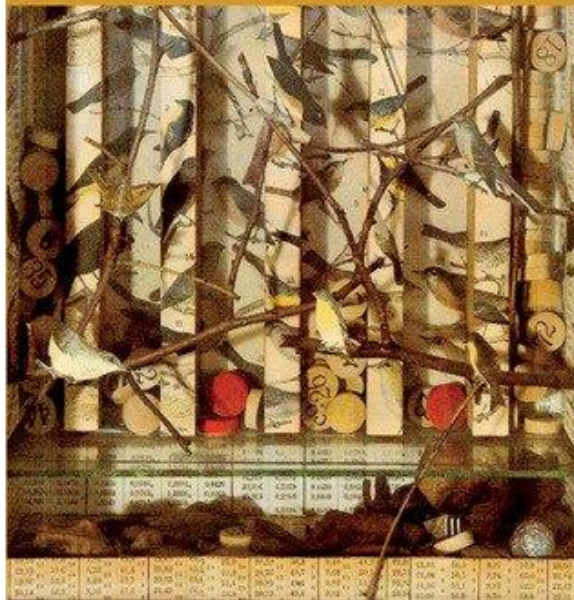


*Winner of the Nobel Prize for Literature*

WISŁAWA  
SZYMBORSKA

MONOLOGUE OF A DOG

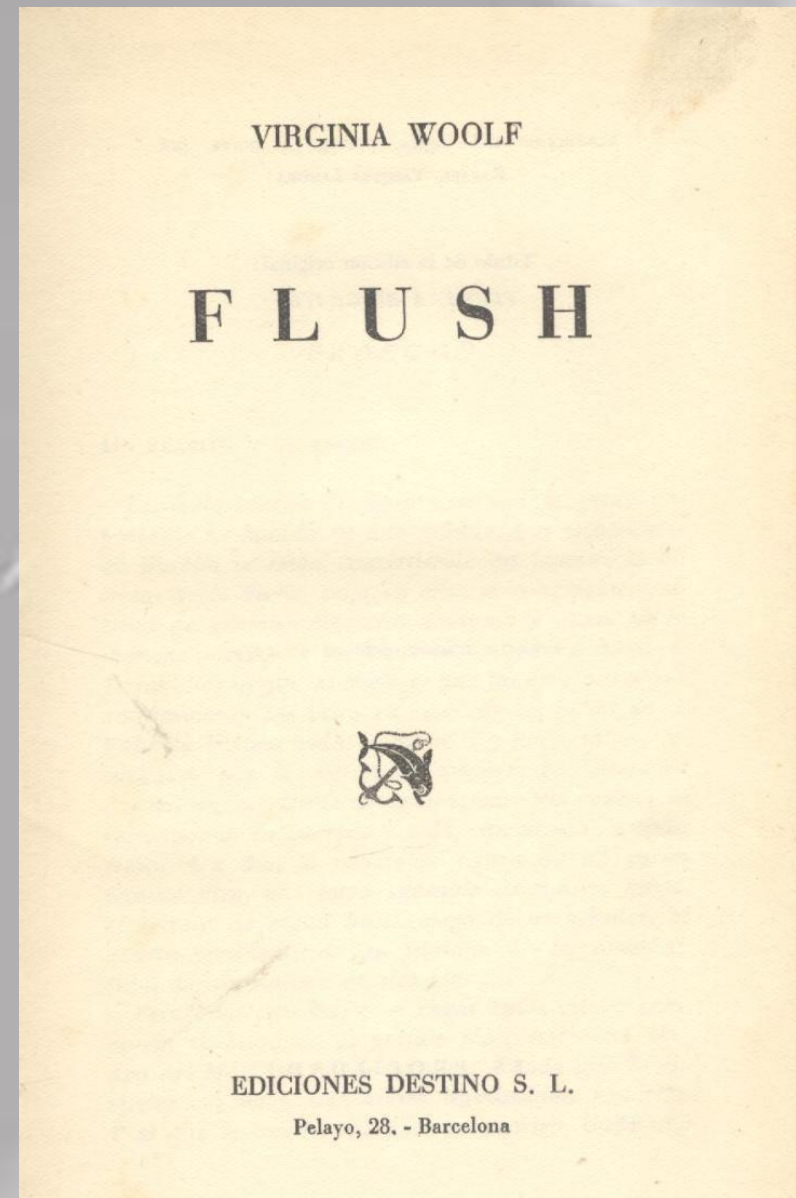
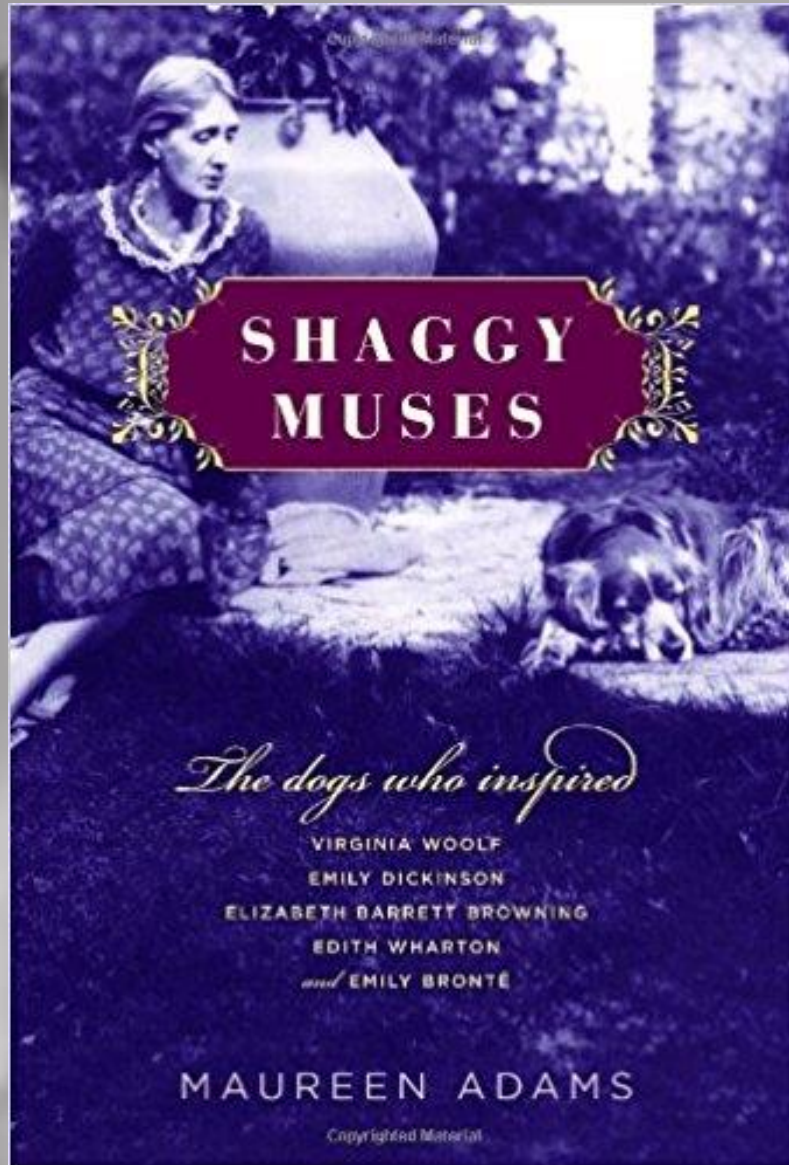
*Foreword by Billy Collins*



"Prefiro o ridículo de escrever poemas  
ao ridículo de não escrevê-los".

Wisława Szymborska







Há razões de sobra para acreditar que Flush era filho daquele “cocker spaniel muito velho”, pelo qual o Doutor Mitford recusou uma oferta de vinte guinéus “por conta de sua superioridade no setor”. Por azar, é também na poesia que está a descrição mais detalhada do próprio Flush quando filhote. Sua pelagem tinha aquele tom castanho-escuro específico “que o sol deixa dourado”. Seus olhos eram “cor de avelã, espertos e meigos”. Suas orelhas eram “felpudas”, suas “patas esbeltas” eram “adornadas com franjas”, e seu rabo era amplo. Descontando os floreios exigidos pelas rimas e a imprecisão do enunciado poético, não há nada aqui que contrarie as exigências do Spaniel Club

Virginia Woolf





Era um cachorro vira-lata  
não sabia latir  
não sabia pedir desculpas  
não sabia fazer amizade  
resolveu entrar para o convento  
e foi ser pastor alemão.

Tânia Lima



# GATORRO

um tempo  
se escrevia pra  
cachorro

havia trocadilhos  
na peraltice  
dos cães

fazia latim  
no xixi no canil

o viver dos perros  
tem gatorro.

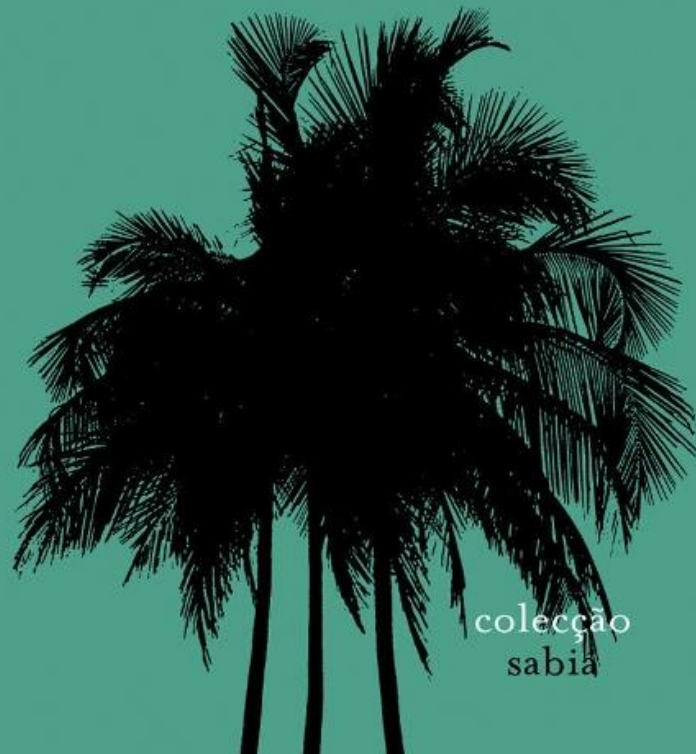
Tânia Lima



Chegou aos fiapos no portão da vila. Uma senhora saiu de dentro com seus oitenta e oito anos a caminho. Viu o cachorrinho aos trapos molhado de sangue. Cuidou, mimou, banhou o bichinho para que ele sarasse no quente. E tudo sarou de repente, apenas a perna traseira que ficou meio torta, quase manca para encurtar a vida. E como não sabia o nome do cãozinho, apelidou de *Perninha*. Todos na vila chamavam *Perninha* e ele atendia com o rabinho todo faceiro. Até que um dia apareceu na vila uma senhora reclamando a paternidade do cãozinho. A dona da casa disse que não tinha mais idade para brigar pelo cachorrinho e que ele, *Perninha*, decidiria com quem realmente gostaria de ficar. Neste instante, a verdadeira dona do cão chamou o bichinho pelo antigo nome: - NICOLAU? O cachorro indiferente estava e indiferente ficou. De repente, ouviu-se um simples suspiro em diminutivo: - *Perninha!!!* E foi pernas pra tudo quanto é lado. Feliz como quem reconhece a própria sombra sem dono, de longe ouvia-se em Latim um som de felicidade anônima. E toda vila ficou peralta.

*Tânia Lima*

Solte  
os cachorros  
adélia prado



coleção  
sabia

Adélia Prado



### Insónia

O homem vigia.

Dentro dele, estumados,  
uivam os cães da memória.

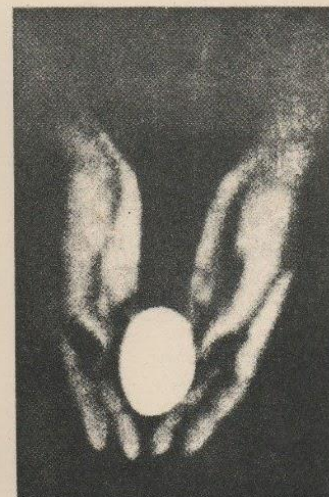
Aquela noite, o luar  
e o vento no cipó-prata e ele,  
o medo a cavalo nele,  
ele a cavalo em fuga  
das folhas do cipó-prata.

A mãe no fogão cantando,  
os zangões, a poeira, o ar anímico.

Ladra seu sonho insone,  
em saudade, vinagre e doçura.

# bagagem

## ADÉLIA PRADO



Madrigal

"Meu amor é simples,  
Dora, como água e o pão.  
Como o céu refletido  
Nas pupilas de um cão".

*José Paulo Paes*



Elliott Erwitt

Lembra-me que, em certo dia,  
Na rua, ao sol de verão,  
Envenenado morria  
Um pobre cão.

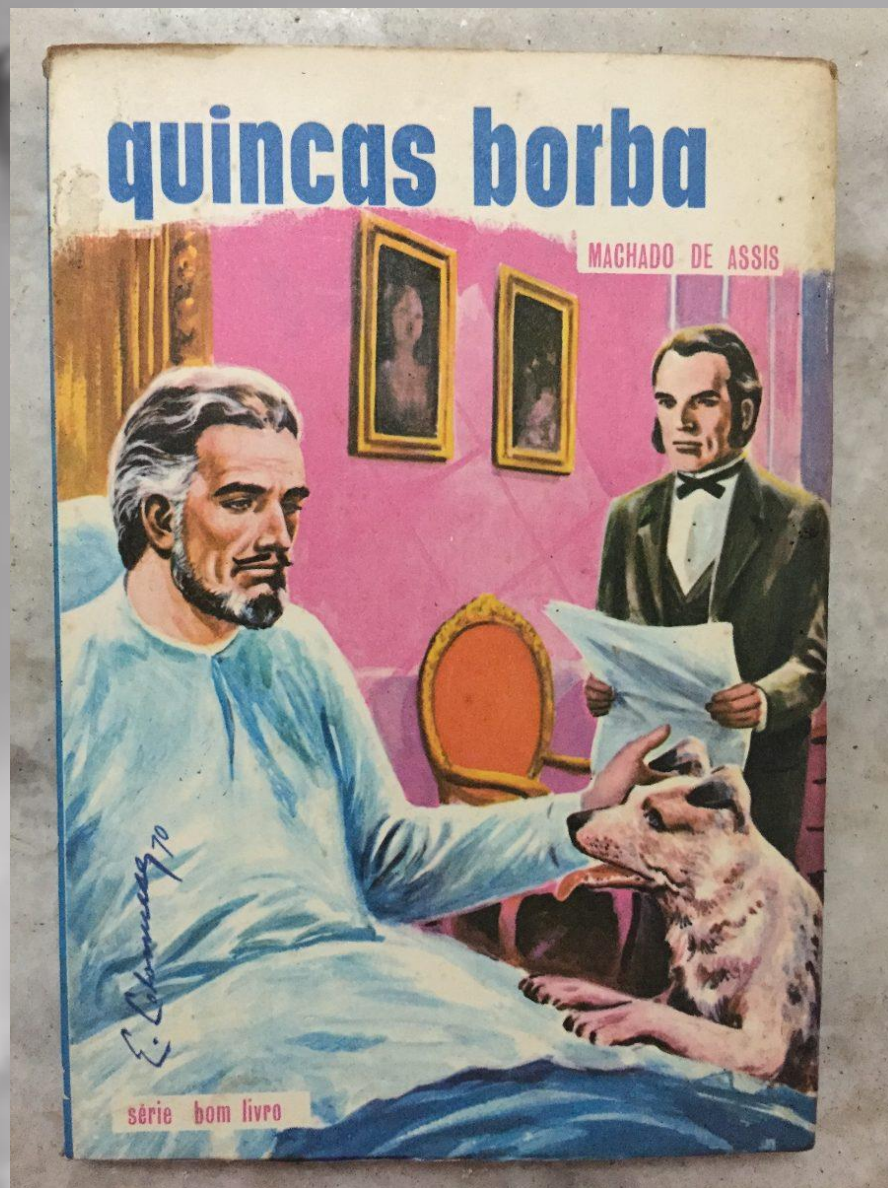
Arfava, espumava e ria,  
De um riso espúrio e bufão,  
Ventre e pernas sacudia  
Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso  
Passava, sem se deter,  
Silencioso,

Junto ao cão que ia morrer,  
Como se lhe desse gozo  
Ver padecer.

Machado de Assis.

Poema extraído do livro *Ocidentais*.



"Que era há um ano? Professor. Que é agora! Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade."

(Machado de Assis).



## O BICHO

Vi ontem um bicho  
Na imundice do pátio  
Catando comida entre os detritos.  
Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.  
O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira



**o mar não está  
pra cachorro,  
que tal comer peixinhos?**

EU NÃO SOU CACHORRO NÃO

Waldick Soriano

Eu não sou cachorro, não

Pra viver tão humilhado

Eu não sou cachorro, não

Para ser tão desprezado

Tu não sabes compreender

Quem te ama, quem te adora

Tu só sabes maltratar-me

E por isso eu vou embora.

A pior coisa do mundo

É amar sendo enganado

Quem despreza um grande amor

Não merece ser feliz, nem tampouco ser amado

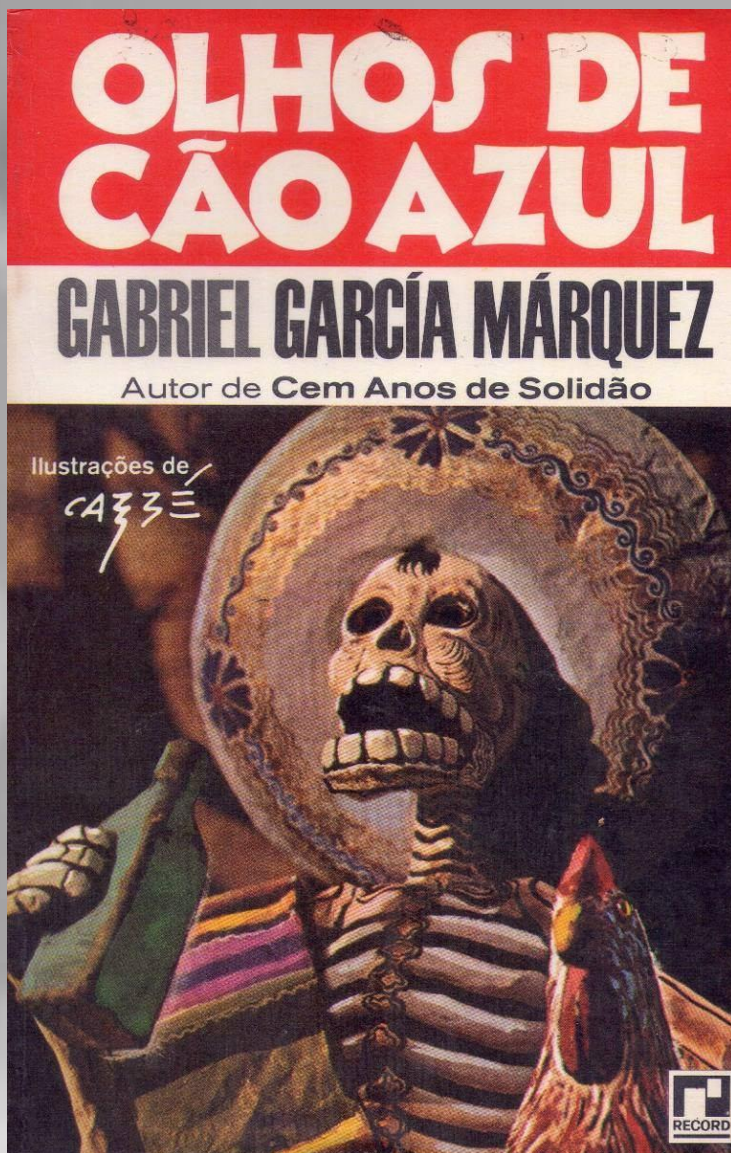
Tu devias compreender

Que por ti, tenho paixão

Pelo nosso amor, pelo amor de Deus

Eu não sou cachorro, não....





Lá fora o vento bateu um instante, ficou quieto depois, e ouviu-se a respiração de alguém adormecido que acabava de virar-se na cama. O vento do campo suspendeu-se. Já não houve mais odores. "Amanhã vou reconhecer você por isso", disse. "Vou reconhecê-la quando vir na rua uma mulher que escreva nas paredes: 'Olhos de cão azul'". E ela, com um sorriso triste — que já era um sorriso de entrega ao impossível, ao inatingível —, disse: "Não obstante, você não lembrará nada durante o dia". E voltou a pôr as mãos sobre o abajur, com a expressão obscurecida por uma névoa amarga: "Você é o único homem que, ao acordar, não se lembra nada do que sonhou".

**Gabriel Garcia Marquez in fragmento do Livro Olhos de cão azul.**





hilda  
**HILST**

com os meus  
olhos de cão  
e outras novelas

editora brasiliense

Hilda Hilst

David, please  
"read me, do  
not let me die"

Com meus olhos de cão  
e outras novelas

Conto de  
Hilst

Hilst/95

brasiliense  
**B**  
1986

Editora Brasiliense S.A.  
R. General Jardim, 160  
01233 - São Paulo - SP  
Fone (011) 231-1433

Deus? Uma superfície de gelo ancorada no riso. Isso era Deus. Ainda assim tentava agarrar-se àquele nada, deslizava geladas cambalhotas até encontrar o cordame grosso da âncora e descia em direção àquele riso. Tocou-se. Estava vivo sim. Quando menino perguntou à mãe: e o cachorro? A mãe: o cachorro morreu. Então atirou-se à terra coalhada de abóboras, colou-se a uma toda torta, cilindro e cabeça ocre, e esgoelou: como morreu? como morreu? O pai: mulher, esse menino é idiota, tira ele de cima dessa abóbora. Morreu. Fodeu-se disse o pai, assim ó, fechou os dedos da mão esquerda sobre a palma espalmada da direita, repetiu: fodeu-se. Assim é que soube da morte. Amós Kéres, quarenta e oito anos, matemático, parou o carro no topo da pequena colina, abriu a porta e desceu. De onde estava via o edifício da Universidade. Prostíbulos Igreja Estado Universidade. Todos se pareciam. Cochichos, confissões, vaidade, discursos, paramentos, obscenidades, confraria. O reitor: professor Amós Kéres, certos rumores chegaram ao meu conhecimento. Pois não. Quer um café? Não. O reitor tira os óculos. Mastiga suavemente uma das hastes. Não quer mesmo um café? Obrigado não. Bem, vejamos, eu compreendo que matemática pura evite as evidências, gosta de Bertrand Russell, professor Amós? Sim. Bem, saiba que jamais esqueci uma certa frase em algum de seus magníficos livros. Dos meus? O senhor escreveu algum livro, professor? Não. Falos dos livros de Bertrand Russell. Ah. E a frase é a seguinte: “a evidência é sempre inimiga da exatidão”. Claro. Pois bem, o que sei sobre suas aulas é que não só elas não são nada evidentes como... perdão, professor, alô alô, claro minha querida, evidente que sou eu, agora estou ocupado, claro meu bem, então vai levá-lo ao dentista, sei sei... Amós passou a língua sobre as gengivas. Também deveria ir ao dentista, (claro que ele tem que ir) com a idade tudo vai piorando ele chegou a me dizer da última vez, quando foi mesmo? não importa, mas disse senhor Amós há uma tensão em toda sua mandíbula, tensão de um executivo falindo, é fantástico, o senhor não acorda com dores nos maxilares? Acordo. Então é isso, temos de acertar a sua arcada. Quanto? Ah, é um trabalho difícil. Mas quanto? (mas minha querida, o garoto tá muito manhoso, tem que ir, os dentistas agora são verdadeiras moças, deixa que eu falo com ele, um instante só professor). Pois não. Ah, dispendioso, veja, temos de acertar todos os dentes de cima e quase todos os de baixo, e os de

baixo são importantíssimos, nunca se deve perder um dente de baixo, são suportes para futuras pontes, o seu aqui de baixo tá todo roído. (alô filhinho, papai quer que você vá ao dentista, não começa com isso, compro o tênis sim, drops, sei, o que shorts? ah, isso não garanto, então levo levo, certo filhinho, alô, evidente que sou eu minha querida, ele vai sim, chego cedo sim tchau tchau) Bem, onde é que estávamos, professor Amós? Respondo: nas evidências. Ah sim. Colocou os óculos novamente: o senhor parece não me levar a sério. Como assim? Notei que sorriu de um jeito um pouco, digamos, professor, um jeito condescendente, assim como se eu fosse... tolo? Impressão sua, apenas também me lembrei de uma frase. Diga, professor. Então digo a frase: “inventar um simbolismo novo e difícil no qual nada pareça evidente”, ele achava isso bom. Quem? Bertrand Russell. Ah. Continuemos, professor, não posso me demorar muito mas por favor tire férias, vinte dias, descanse. Mas o senhor não me falou claramente dos rumores. Como queira: há evidentes sinais de vaguidão. Como? De alheamento, se quiser, sim, de alheamento de sua parte durante as aulas, frases que se interrompem e que só continuam depois de quinze minutos, professor Amós, quinze minutos é demais, consta que o senhor simplesmente desliga. Desligo? Que frases eram? Não importa, por favor descanse, tome vitaminas, calmantes. Tira novamente os óculos, cobre o lábio de cima com o de baixo, suspira, sorri: vamos vamos, não se aborreça, o senhor tem sido sempre escorreito, excelente mesmo, mas cá entre nós... O reitor segura-me o braço, comprime seus dedos ao redor do meu pulso: cá entre nós, eles não estão entendendo mais nada. Quem? Seus alunos, professor, seus alunos. Estranho digo, na última aula repensamos fraudas, inícios... a raiz quadrada de um número negativo. Citei um matemático do século doze, Bramine Bascara: “O quadrado de um número positivo, tal como o de um número negativo, é positivo. Portanto a raiz quadrada de um número positivo é dupla, ao mesmo tempo positiva e negativa. Não há raiz quadrada de um número negativo, pois o número negativo não é um quadrado.” no entanto Cardan, no século dezesseis... O reitor mordeu o lábio inferior, fitou-me longamente, estendeu a mão: boa sorte, professor, férias. Atravesso o pátio. Depois corredores, gramados. Na adolescência a professora de radação pedira três contos breves. Short stories, meninos, sabem o que são short stories? Alguns babacas

levantaram a mão. Muito bem, quem não souber pergunta aos outros, muito bem. Dois de meus colegas mostraram-me continhos imbecis, farfalhar de folhas passarelhos nos ramos brisas na cara etc. Aí escrevi: Primeiro conto (vulgo short stories) \_\_ Mãezinha, ando farto das tuas besteiras sobre moralidade e família à hora do jantar. Já te vi várias vezes chupando o pau de papai. Me deixa em paz. Assinado, Júnior. Segundo conto (vulgo short stories) \_\_ Vidinha, pensa bem, tu tem cinqüenta e eu vinte e cinco. Tu diz que é o espírito que conta. Eu compreendo Vidinha, mas tô me mandando. Não deprime. A gente se cruza, tá? Assinado, Laércio. Toda essa fala eu ouvi tomando guaraná no balcão de um armazém. Ele era um garotão, ela uma gordota de olho pretinho.

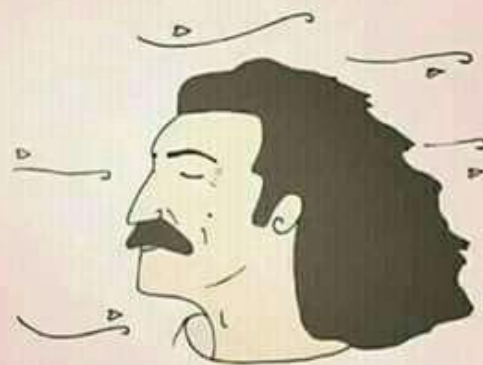
Terceiro conto (vulgo short stories) \_\_ O nome dele é Sol e Adultério. O do meu marido é Elias. Meus filhos se chamam Ednilson e Joaquim. Tenho vontade que todos morram. Menos ele. (Aquele primeiro, luz e cama.) Sinto muito meu Deus, mas é assim. Assinado: Lazineira. Deste eu gosto muito. Adultério lhe parecia na adolescência uma palavra belíssima. Agora também. Depois da Aids, menos. Luz e cama foi um achado. A professora esbofeteou-lhe a cara. O pessoal do farfalhar de folhas passarelhos nos ramos brisas na cara teve como prêmio um piquenique. As notas mais altas de redação praqueles bobocas. Amós foi expulso. Perdeu o ano. Pegou pneumonia. Os coleguinhas mandaram-lhe um poema breve: Bancou o sabido, o espertinho, o vivo/ e só se fodeu / Amós, o inventivo.

HILDA HILST



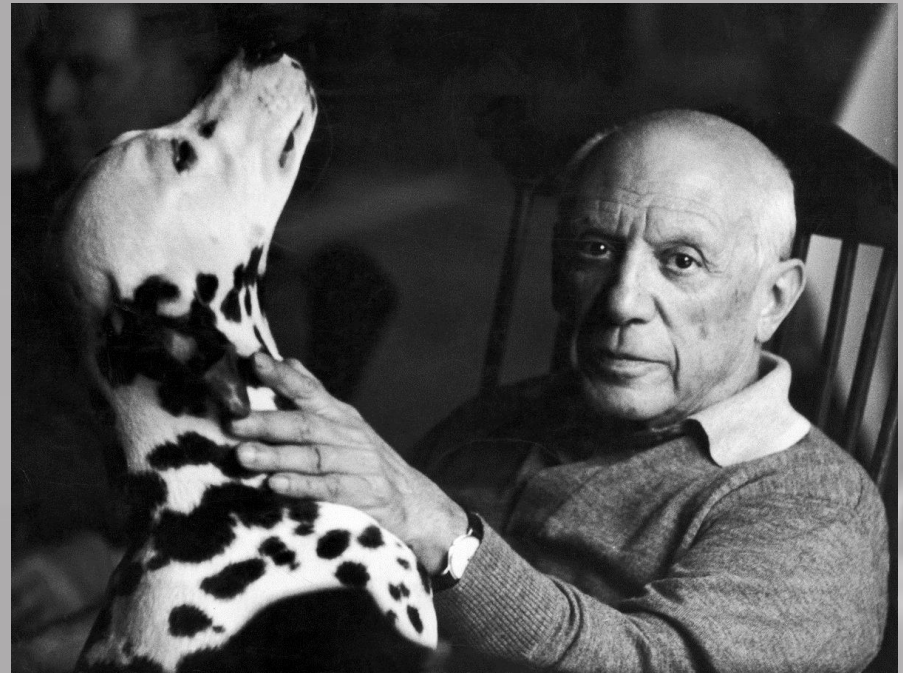
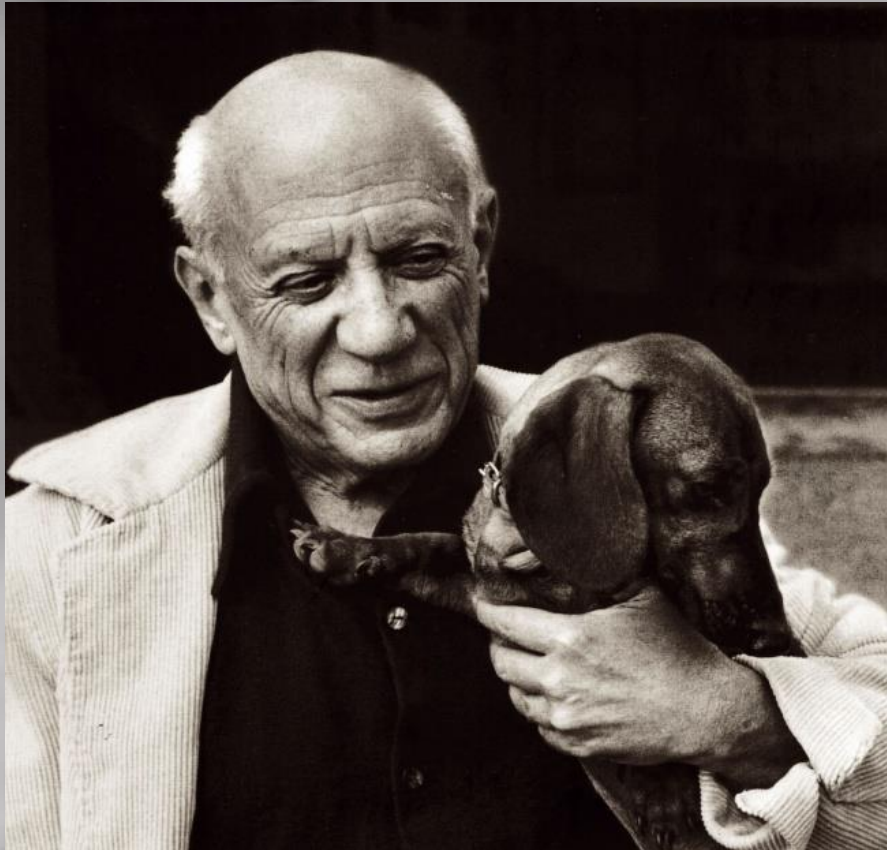


TENHO SANGRADO DEMAIS,  
TENHO CHORADO PRA CACHORRO

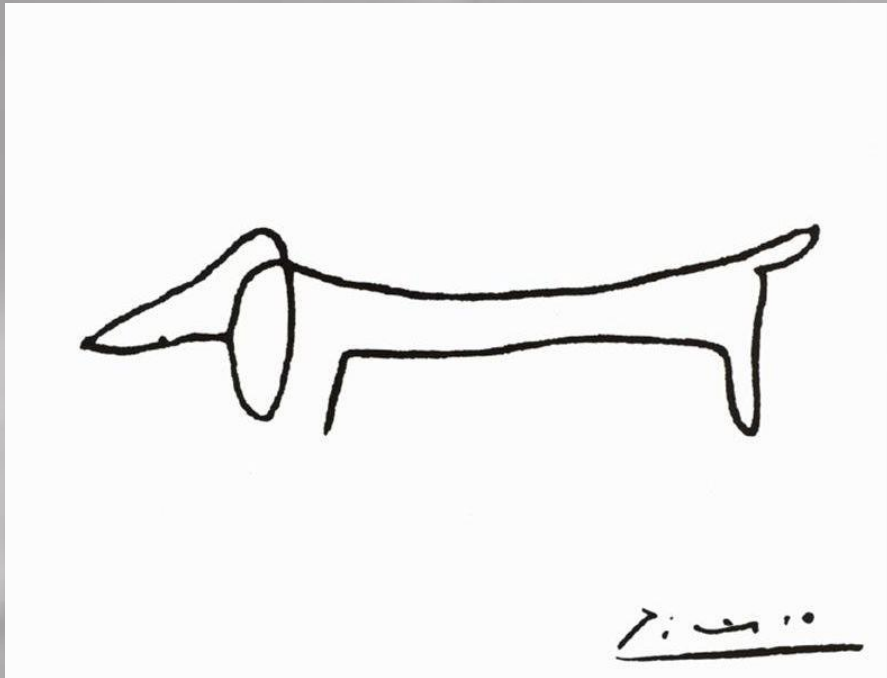


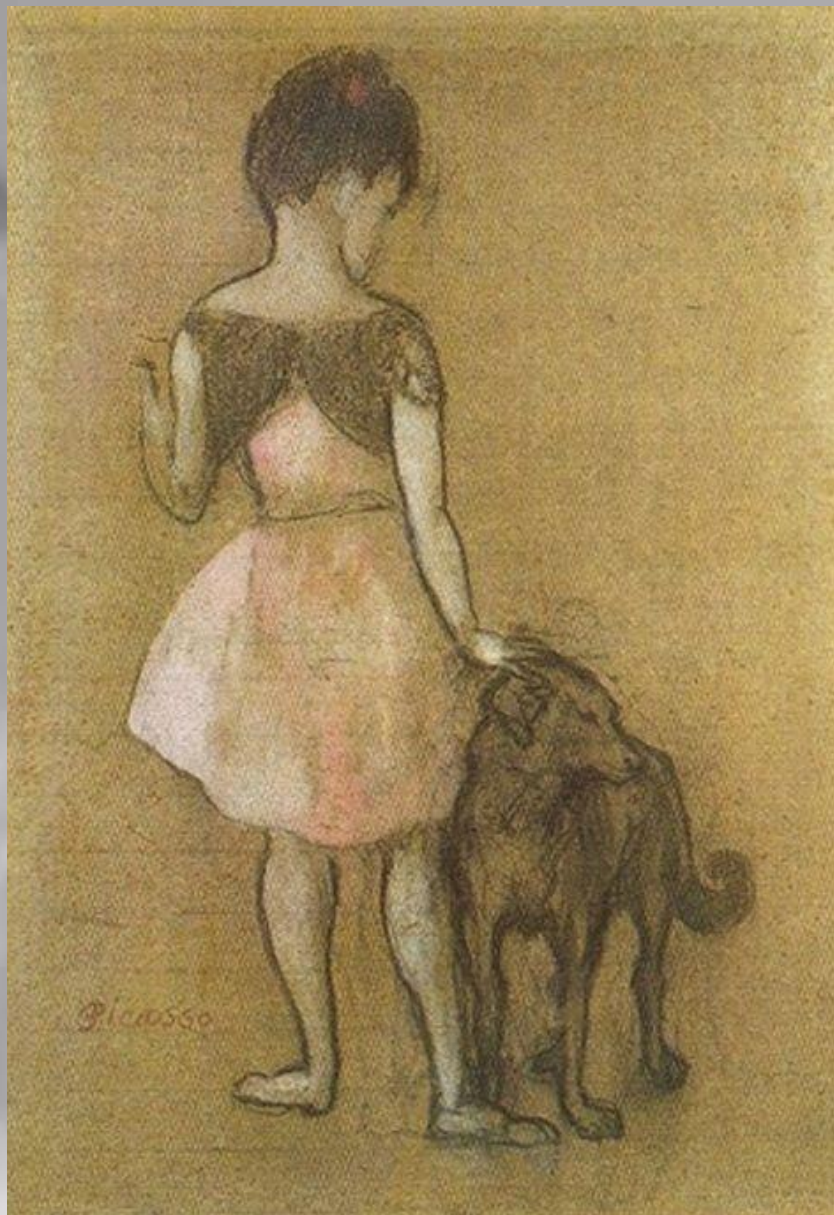
ANO PASSADO EU MORRI  
MAS ESSE ANO EU NÃO MORRO

Belchior



Picasso





Picasso



PICASSO



## AGORA O VERÃO PASSADO

[Fragmento]

No passado verão agora tantamente tão passado  
verão coisa que na verdade vocês verão  
leitores meus autores que verdade verdadinha não existe  
no passado verão se o estive estive aqui  
Que não sabia então que a solidão  
das plantas no Inverno a solidão  
do cão de francis bacon foragido  
a solidão do cão de francis bacon  
num quadrado encerrado e mesmo até geometrizado  
acossado talvez pela delimitada dimensão  
dum quadro exposto no museu de arte moderna  
em nova york e visto agora numa má reprodução  
na casa sobre o mar do meu amigo joão miguel  
a companhia só possível fora dessa implacável simetria da  
pintura que na vida tem cruel caricatura  
desse cão fustigado a farejar a fuga  
desta diária saga que nos suga  
cão de antemão sozinho e só senhor da solidão  
que não sabia então que a solidão  
que a chuva a solidão a solidão a chuva  
cheia na uva mas vazia ou só cheia de vazio aqui  
que o não sabia sei-o eu sentado aqui agora  
sentado aqui aonde vi senti perto de mim  
a jacqueline que distante agora mais queria aqui  
que quando no verão cegávamos os olhos do limão

no fundo desses copos desse péssimo gin tónico  
ó meu amigo cão mais só que as devastadas plantas  
mais acossado mesmo que os cuidados cactos  
limitados capados nos regados vasos  
cão que tens por contorno a companhia  
que tens precisamente fora quanto dentro tanta falta te fazia  
ó meu amigo cão dás-me tu pelo menos  
a mim que não sei bem como sair de tudo isto  
melhor que coisa alguma a tua mão?

Ruy Belo (1933- 1978),

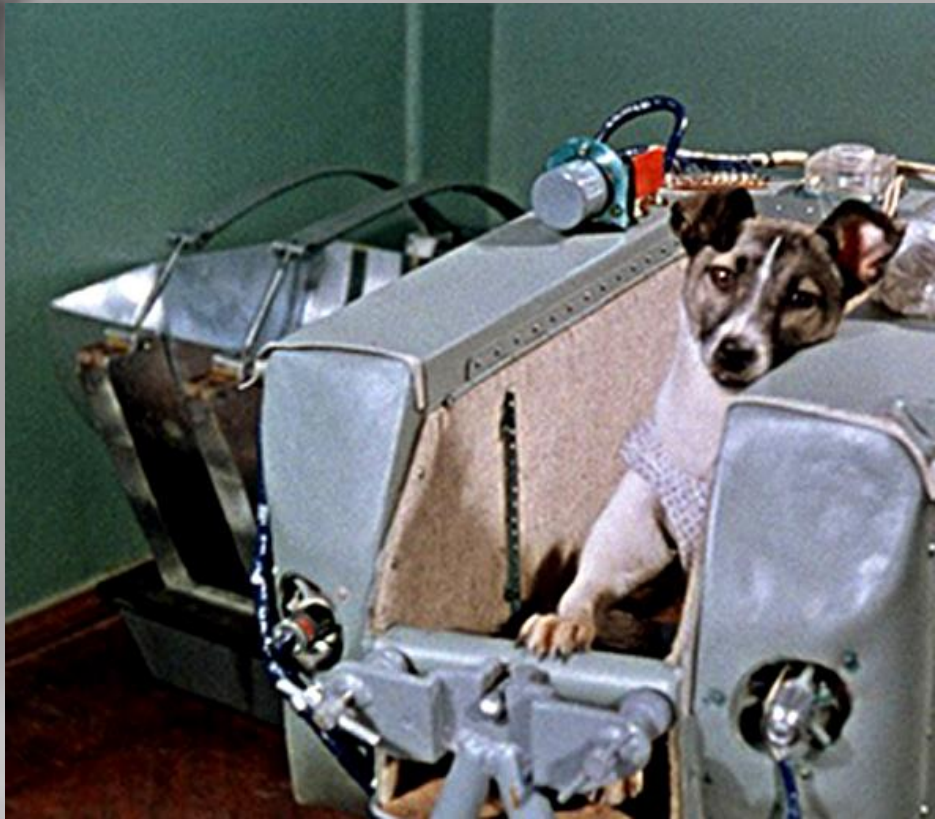
in *Toda a Terra*, 1976.





A cadela Laika ficou tão famosa que virou até selo na Romênia. Mesmo após sua morte, ela foi usada como forte propaganda soviética.

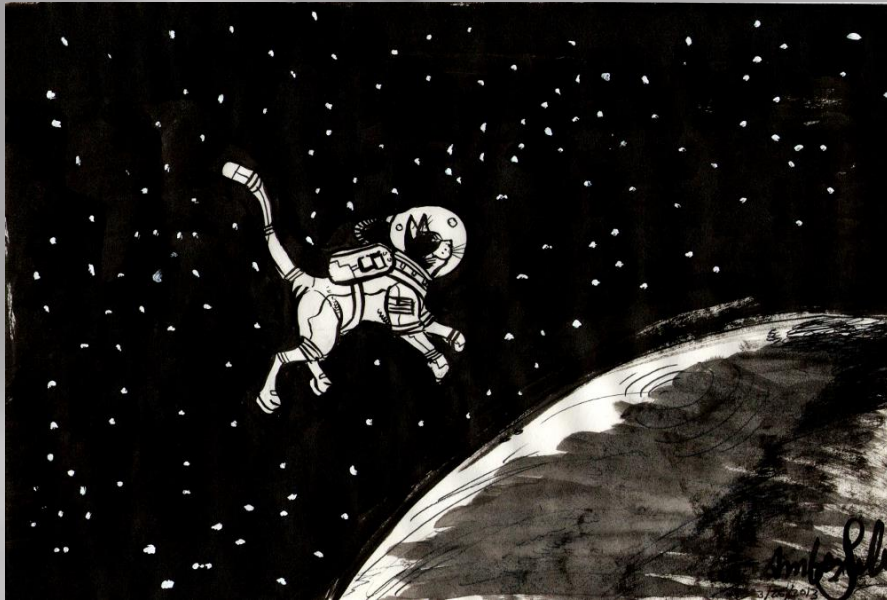
Foto: Nasa



LAIKA



Laika viajou pra Lua



mas não achou osso





revista

**mangues  
& letras**

